



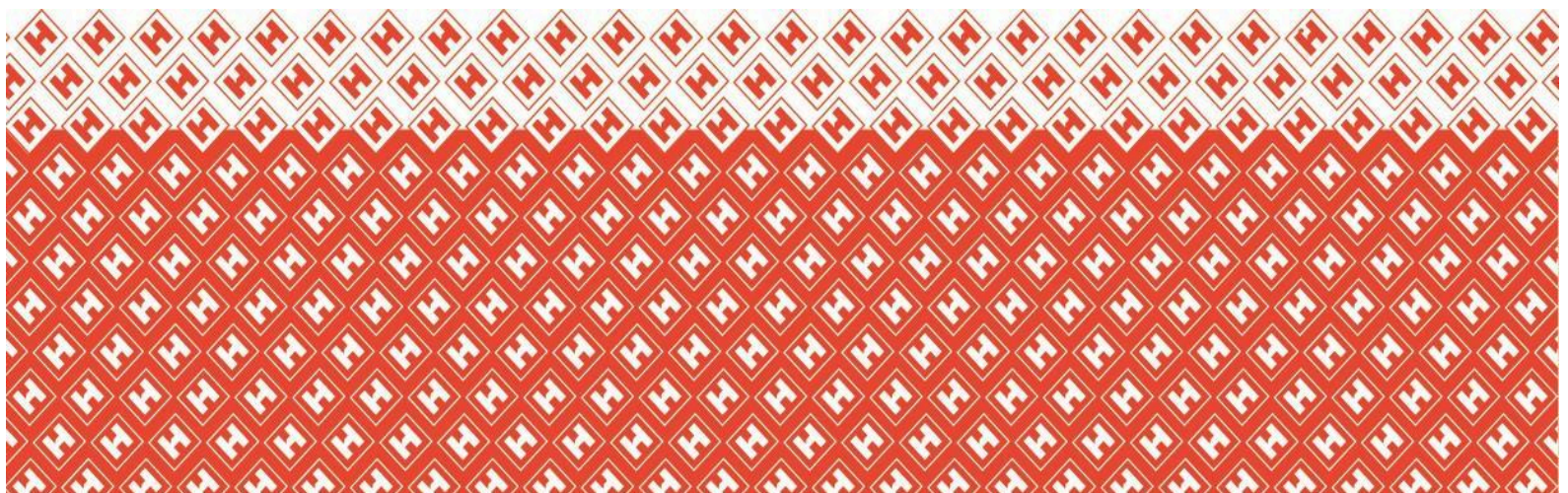
PROFHISTÓRIA

MESTRADO PROFISSIONAL
EM ENSINO DE HISTÓRIA

Diego Rogério Silva dos Santos

**Heróis negros e ensino de História - João
Cândido e Revolta da Chibata nos Quadrinhos**

UNIRIO 2025



UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO

Diego Rogério Silva dos Santos

**Heróis negros e ensino de História - João Cândido e Revolta da
Chibata nos Quadrinhos**

Dissertação apresentada ao Curso de Mestrado Profissional do Programa de Pós-Graduação em Ensino de História da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro - UNIRIO como requisito para a obtenção do título de Mestre em Ensino de História.

Orientador: Rafael Zamorano Bezerra

Rio de Janeiro

2025

Catálogo informatizada pelo(a) autor(a)

S237 Santos, Diego Rogério Silva dos
Heróis negros e Ensino de História: João Cândido e
Revolta da Chibata nos Quadrinhos / Diego Rogério Silva dos
Santos. -- Rio de Janeiro : UNIRIO, 2025.
72

Orientador: Rafael Zamorano Bezerra .
Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal do
Estado do Rio de Janeiro, Programa de Pós-Graduação em
Ensino de História, 2025.

1. Ensino de História. 2. Quadrinhos. 3. João Cândido.
I. Título.

Diego Rogério Silva dos Santos

Heróis negros e ensino de História - João Cândido e Revolta da Chibata nos Quadrinhos

Dissertação apresentada ao Curso de Mestrado Profissional do Programa de Pós-Graduação em Ensino de História da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro - UNIRIO como requisito para a obtenção do título de Mestre em Ensino de História.

Rio de Janeiro, __ de _____ de 2025

Banca examinadora

Prof. Dr. Rafael Zamorano Bezerra

Universidade Federal do Rio de Janeiro - UFRJ

Prof^a.Dr^a Vera Lúcia Bogéa Borges

Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro - UNIRIO

Prof^a.Dr^a Alda Heizer

PPGPatrimônio COC/Fiocruz; PPGP em Biodiversidade /UC/ ENBT/JBRJ

Agradecimentos	6
Resumo	9
Abstract	10
1. INTRODUÇÃO	11
CAPÍTULO 1 - HISTÓRIAS EM QUADRINHOS, SALA DE AULA E ENSINO DE HISTÓRIA	27
CAPÍTULO 2 - A INVISIBILIDADE DO PROTAGONISMO NEGRO NO PÓS-ABOLIÇÃO	39
CAPÍTULO 3 - JOÃO CÂNDIDO, REVOLTA E HEROÍSMO	47
CONSIDERAÇÕES FINAIS	54
PRODUTO	57
REFERÊNCIAS	70

Agradecimentos

“Honre a sua cor, mostre o seu valor. Periferia é amor. Negro é luz, calor. Eu tenho fé que vai melhorar, você pode acreditar. Não fique assim, olhe pro céu que Deus vai te ajudar. Só reclamar não dá, você tem que lutar. Pra gente é sempre assim, vamos contrariar.”

O trecho acima é da música *Periferia* do grupo *Negritude Junior*. Começo com ele meus agradecimentos, pois os mesmos são movidos a sentimentos ligados às lutas pessoais para a conclusão do mestrado, mas também pelos muitos desafios que a sociedade impõe a pessoas da minha cor. Cheguei ao Profhistoria em um momento de grande ânimo profissional. Vinha vivendo experiências que estavam me fazendo crescer na sala de aula, e a oportunidade de cursar um mestrado profissional me fez ainda mais esperançoso para ter uma experiência que tornaria esse período inesquecível pelos melhores motivos. A vida, porém, não respeita os roteiros que projetamos. O período do mestrado coincidiu com uma das fases mais difíceis que já vivi, o que afetou minha experiência e rendimento. Foi necessário buscar caminhos para voltar a rumar em direção à vida. Além dos nomes citados abaixo, quero agradecer e dedicar esse trabalho aos braços que se estenderam para que eu pudesse continuar. Se eu pude seguir em frente, crescer e melhorar, não estar só foi um dos principais fatores. Por isso, agradeço a cada amizade, ao quilombo que me abraçou, aos abraços recebidos, ao carinho dos meus alunos e minhas alunas e minha família. Nada disso seria possível sem a combinação de cada um desses afetos.

À Clarissa, que durante todos esses anos me apoiou, me deu grande suporte e esteve comigo no período mais difícil. Toda a minha trajetória profissional tem nela a parceria mais importante. Graças a ela, também, que decidi continuar, ser melhor e chegar até aqui. Minha companheira, parceira de vida e minha grande força para não desistir. Esse trabalho não existiria sem ela, assim como eu.

À minha mãe, Denise, que durante toda a minha vida se multiplicou para que seus filhos sobrevivessem. O retrato da mulher negra periférica que abdica dos próprios sonhos em prol dos filhos é um dos muitos problemas que precisam ser superados na sociedade, mas enquanto minha vitória for o sorriso da minha mãe, a pessoa que mais fez por mim durante toda minha vida, assim o farei.

Ao meu pai, Rogério, que sem saber me deu o pontapé inicial para as reflexões sobre raça, quando na minha infância durante os anos 90 me levava à locadora para alugar “uns filmes de negão”, que era como ele chamava os filmes com protagonismo negro. Um apaixonado por black music que me aproximou dessa cultura, bem como foi o primeiro a me mostrar o mundo dos quadrinhos de super-heróis.

À minha psicóloga, Rachel, por toda sua dedicação durante meu processo terapêutico. Seu trabalho foi imprescindível para que as minhas mudanças ocorressem e eu pudesse retomar os rumos da minha vida de forma a conseguir concluir esse trabalho, que tornou-se um desafio maior do que já era. Você ajudou a salvar minha vida.

À Lorrane, Candinho e família do João Cândido, que com todo carinho e amizade estão sempre à disposição para enriquecer ainda mais minha pesquisa sobre o Almirante Negro.

Não menos importantes, quero dedicar meu trabalho, também, aos meus animais de estimação, Ringo, Laurinha e Gerson. Receber o amor e o carinho dos animais, sobretudo em momentos conturbados, está entre os grandes prazeres da vida. Nesse aspecto, meu cão, Ringo, tornou-se meu grande parceiro de caminhadas matinais pelas ruas durante as lutas contra a ansiedade e os problemas emocionais.

Ao meu orientador Rafael Zamorano Bezerra por toda a ajuda e paciência durante esse longo processo.

Por fim, minha avó, Dona Tereza, que vem vivendo um período delicado, mas segue firme o suficiente para estar presente em um dos momentos mais emblemáticos da minha vida. Minha avó é uma mãe como minha mãe também é. Me alimentou, me criou e me salvou das ameaças de violências por parte do Estado. Minha avó salvou a mim e meus pais nos poucos momentos de aperto vividos na infância, bem como foi a precursora de vários hábitos que carrego comigo. Minha companheira de Tobi Guaraná e aquela que me ensinou a forma dela de descascar uma laranja. No hospital, pouco tempo antes de escrever esse agradecimento, prometi que ela estaria comigo no ato da defesa. A força para eu não desistir também veio da vontade de ver minha avó sorrir de orgulho pela

conquista de seu neto. Obrigado por ter sido uma das principais luzes da minha vida. Te amo, vó.

Resumo

O presente trabalho investiga, através de João Cândido, o apagamento da memória e do protagonismo negro no pós-abolição, partindo da Revolta da Chibata e seu impacto na Primeira República, sobretudo no Rio de Janeiro, então Distrito Federal em 1910. A dissertação aborda as permanências das lógicas e práticas escravistas no tratamento dispensado à população negra, tendo como referência e exemplo os marinheiros negros e os esforços do Estado em suprimir o legado dos participantes da Revolta da Chibata, sobretudo João Cândido. Compreender as formas de fazer uso da biografia torna-se necessário para o desenvolvimento da narrativa que se dedicará a valorizar o legado e a memória de João Cândido, da mesma forma que se faz necessário trabalhar a ideia de memória a partir da perspectiva sobre um homem negro. Como parte do esforço de valorização dessa memória histórica, a dissertação propõe o uso das histórias em quadrinhos como ferramenta didática para a abordagem da Revolta da Chibata e de João Cândido em sala de aula. O produto a ser apresentado ao final da pesquisa será um projeto de HQ ficcional intitulado “*O Grande Almirante Negro: O Herói Recordado*”. Ficcional porque o objetivo central da pesquisa não é construir uma narrativa histórica controlada, a partir da linguagem dos HQs, pela documentação de época ou pela revisão historiográfica do tema, realizando assim o que Certeau considera uma *operação histórica*¹. A intenção do projeto de HQ é construir uma narrativa ficcional, inspirada nos eventos históricos aos quais a figura de João Cândido é peça central, para a partir dele, inserindo-o como personagem de quadrinhos, se pensar em *problemas históricos*, como o silenciamento de negros e negras na produção historiográfica; as violências cotidianas que os corpos negros são submetidos, entre outros temas relacionados ao racismo estrutural brasileiro.

Palavras chave: Ensino de História; Quadrinhos; João Cândido; Protagonismo Negro; Marinha; Super Herói; Racismo; Apagamento.

¹ CERTEAU, Michel de. A operação historiográfica.

Abstract

This dissertation investigates, through the figure of João Cândido, the erasure of memory and Black protagonism in the post-abolition period, focusing on the Revolta da Chibata (Revolt of the Lash) and its impact on the First Brazilian Republic, especially in Rio de Janeiro, then the Federal District in 1910. The study examines the persistence of slave-era logics and practices in the treatment of the Black population, using Black sailors as a key reference and example, and highlighting the efforts of the Brazilian state to suppress the legacy of those involved in the Revolt, particularly João Cândido. Understanding how to use biography becomes essential to developing a narrative that seeks to value João Cândido's legacy and memory, while also addressing the importance of memory from the perspective of a Black man. As part of the effort to honor this historical memory, the dissertation proposes the use of comic books as an educational tool for teaching the Revolta da Chibata and João Cândido in the classroom. The final product of the research will be a fictional comic book project titled "O Grande Almirante Negro: O Herói Recordado." It is fictional because the main goal is not to construct a historically controlled narrative—guided by period documentation or historiographical review—through the language of comics, which would constitute what Certeau defines as a historic operation. Instead, the intention is to build a fictional narrative inspired by the historical events in which João Cândido played a central role. Through portraying him as a comic book character, the project aims to reflect on historical issues such as the silencing of Black men and women in historiography, the everyday violence inflicted on Black bodies, and other themes related to Brazilian structural racism.

Keywords: *History Teaching; Comics; João Cândido; Black Protagonism; Navy; Superhero; Racism; Erasure.*

1. INTRODUÇÃO

Ao fim de 2019, ingressei na educação básica em uma escola privada. Desde então, tive a experiência de lecionar para todos os anos do ensino fundamental 2, vivendo diversas experiências que confirmaram minha paixão em ser professor, mesmo com todos os desafios e contradições que encarei no caminho. Mas poderia dizer que minha formação teve início bem antes. Sou fruto de escola pública e criado na favela. Como oriundo de uma família negra, as desigualdades existentes em nosso chão fizeram-se presentes na minha jornada. O acesso escasso às informações foi sobrepujado pelo incentivo à leitura dado pela minha própria família, o que contribuiu decisivamente para a minha escolha de carreira como professor de História.



Figura 1 - Aula sobre Pantera Negra e Representatividade. Professor: Diego Rogério, 2019.

Mesmo tendo compreensões limitadas sobre a realidade que me cercava, o interesse e a curiosidade me levaram para o caminho futuro de ingressar na licenciatura em História. Uma vez lá, contudo, pouco foi debatido e estudado sobre as pautas raciais que deveriam ser centrais para pensar, sobretudo, a história do Brasil. Diante dessa inquietação, mudei o tema do meu TCC que abordaria a Grécia Antiga para uma pesquisa que teve como tema a criação do personagem Pantera Negra nas histórias em quadrinhos, em 1966, suas relações com os movimentos por Direitos Civis e a luta negra em diferentes frentes que possibilitaram o fenômeno cultural que foi o filme “Pantera Negra” (2018)², como o *Blaxploitation*. Esse trabalho foi um impulsionador para que eu desenvolvesse mais as percepções sobre minha própria negritude, bem como as minhas referências sobre o tema.



Figura 2 - Chadwick Boseman em Pantera Negra. Fonte: G1/Walt Disney Studios, 2020.

Nesse momento, aprofundi minhas leituras a partir de autorias e histórias negras, e pude conhecer mais a fundo o legado de João Cândido. Desde o primeiro momento, sua história me capturou de modo que eu não conseguia pensar em outro tema para escrever. Um homem negro, pobre e esquecido pelas narrativas históricas consolidadas que pôs contra a parede o governo federal no início da República. Como analisar um feito tão grande sob o apagamento em uma sociedade racista? Fez-se necessário buscar o que têm a dizer pessoas negras que são referências para pensarmos sobre a questão racial. Frantz Fanon tornou-se

²PANTERA Negra. Direção: Ryan Coogler. Produção: Kevin Feige, Louis D'Esposito, Victoria Alonso e Stan Lee. Elenco: Chadwick Boseman, Danai Gurira, Letitia Wright, Michael B. Jordan, Lupita Nyong'o, Daniel Kaluuya, Angela Basset e Andy Serkis. Produzido por: Walt Disney Studios, 2018.

uma das minhas principais referências para pensar o “ser negro”³, assim como Grada Kilomba. Joel Rufino dos Santos com sua leitura histórica de Zumbi me inspirou a pensar a história negra no Brasil sob outra perspectiva⁴.

O pensamento de Angela Davis foi fundamental para o entendimento da interseccionalidade que, por sua vez, é uma ideia que busco considerar em tudo que penso e escrevo, como a pesquisa sobre João Cândido e histórias em quadrinhos que proponho neste trabalho⁵, que tem como tema a Revolta da Chibata, evento histórico ocorrido em 1904, sendo a figura de João Cândido a mais emblemática, representando nele a insatisfação e luta dos marinheiros negros contra as torturas sofridas pelas mãos das autoridades da marinha. Contudo, minha pesquisa busca trazer a relevância de João Cândido neste evento histórico pela perspectiva das histórias em quadrinhos, fazendo assim um trabalho que une dois dos temas que mais me acompanham na trajetória como historiador.

Sendo um homem negro, é pessoalmente desafiador ter que discorrer por histórias que tratam sobre a desumanização de corpos negros, algo que nos acompanha em vida pelo tratamento dado pelas instituições do Estado, bem como nas relações pessoais e profissionais. Dito isso, é válido salientar que o presente trabalho fala e reflete sobre violências que historicamente são sofridas por corpos negros. Tratar da violência sob a perspectiva da raça, mesmo diante de um cenário com tantas pesquisas e produções que visam superar as reflexões sobre o negro no lugar da dor, dando lugar a um olhar sobre o negro no lugar de potência, continua sendo urgente quando o cenário da sociedade brasileira continua sendo de racismo e tentativas de apagamento da luta negra. Diante disso, não é possível desenvolver um trabalho que tenha a Revolta da Chibata como tema central sem discorrer sobre as violências inerentes ao fato histórico.

O tema escolhido para esta pesquisa foi a figura de João Cândido e sua história na Revolta da Chibata pela ótica das histórias em quadrinhos. O produto a ser apresentado ao final da pesquisa é um projeto de HQ ficcional intitulado “*O Grande Almirante Negro: O Herói Recordado*”. Ficcional porque o objetivo central da

³ FANON, Frantz. *Pele Negra, Máscaras Brancas*. São Paulo: Editora Ubu, 2020.

⁴ SANTOS, Joel Rufino dos. *Zumbi*. São Paulo: Global Editora, 2006.

⁵ DAVIS, Angela. *Mulheres, Raça e Classe*. São Paulo: Boitempo, 2016.

pesquisa não é construir uma narrativa histórica controlada, a partir da linguagem dos HQs, pela documentação de época ou pela revisão historiográfica do tema, realizando assim o que Certeau considera uma *operação historiográfica*⁶. A intenção do projeto de HQ é construir uma narrativa ficcional, inspirada nos eventos históricos aos quais a figura de João Cândido é peça central, para a partir dele, inserindo-o como personagem de quadrinhos, se pensar em *problemas históricos*, como o silenciamento de negros e negras na produção historiográfica; as violências cotidianas que os corpos negros são submetidos, entre outros temas relacionados ao racismo estrutural brasileiro. Nesse sentido, essa pesquisa teve como um dos objetivos compreender os quadrinhos como um gênero textual com grande potencial de divulgação de ideias e preconceitos popularmente difundidos, por exemplo, nos Estados Unidos durante a primeira metade do Século XX, o que podia ser percebido nas narrativas das editoras mais populares, como Marvel e DC, bem como em outras histórias de personagens famosos, como o Tarzan, por exemplo. O trabalho investiga a trajetória dos quadrinhos desde a representação caricata de personagens negros, da ausência de protagonismo e personagens de destaque e até mesmo da vilanização, personagens negros foram carregados de estereótipos nos quadrinhos por muito tempo, até tornarem-se com mais frequência personagens que combatiam direta ou indiretamente o racismo e a segregação, até chegarem personagens que destacam-se ao lado dos mais tradicionais super-heróis, ganhando filmes e premiações em outras mídias além das páginas de quadrinhos, como ocorreu com o Pantera Negra em 2018, quando ganhou as premiações do Oscar em Direção de Arte, Figurino e Trilha Sonora.

⁶ CERTEAU, Michel de. A operação historiográfica.

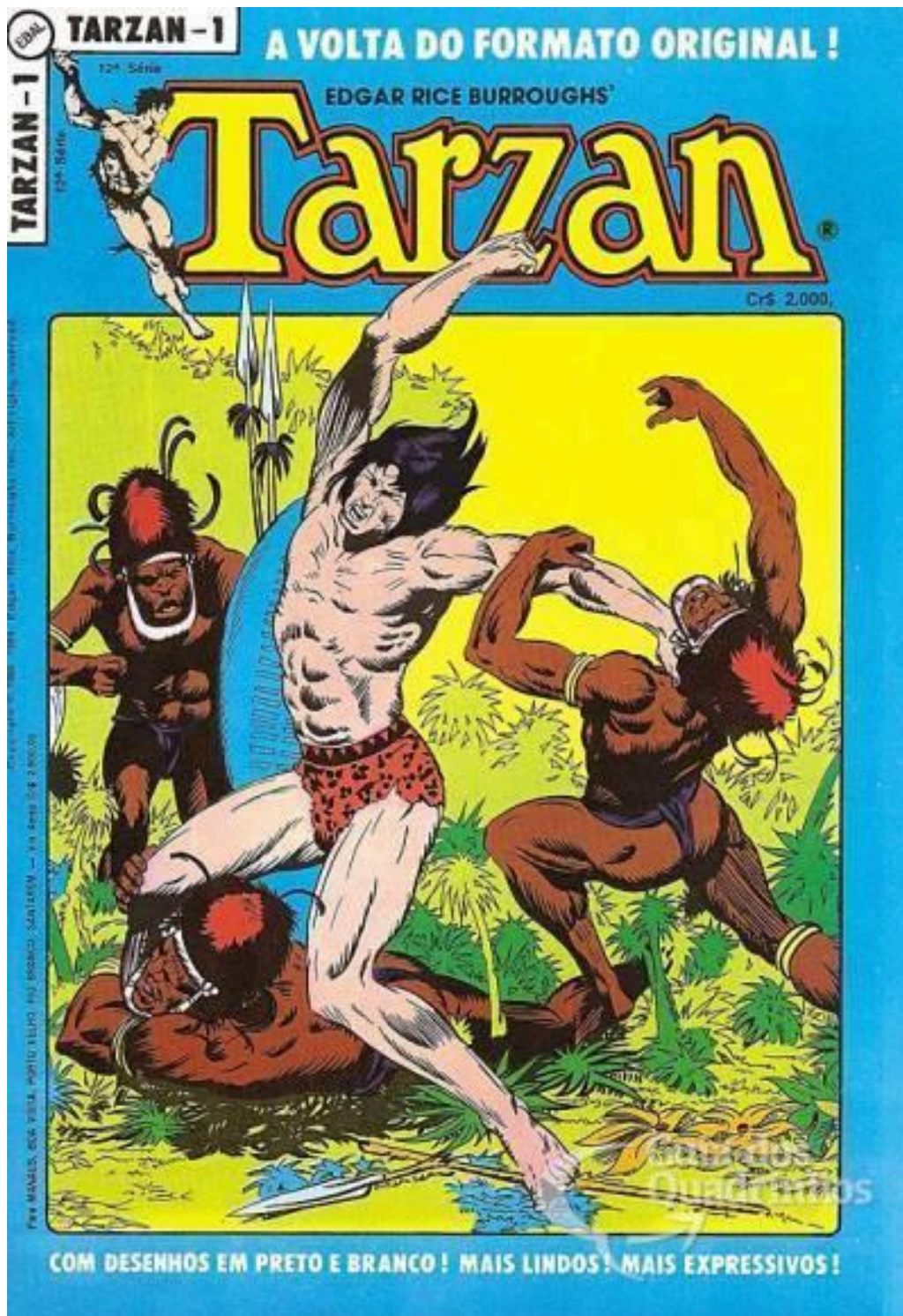


Figura 3 - Tarzan 12ª Série - nº1. Fonte: [guia dos quadrinhos](http://guia.dos.quadrinhos.com.br/). 1983.

Embora seja um desenvolvimento marcante na história desse gênero textual, a presente pesquisa entende que identificar as mais diversas possibilidades de representação da negritude nas histórias em quadrinhos enfatiza as inúmeras potencialidades que as narrativas negras podem transmitir, não sendo apenas os

personagens negros coadjuvantes dos brancos, tampouco negros criados apenas com o propósito de tratar a questão do racismo, mas todas as possíveis nuances que o “ser negro” possibilita no mundo. Desta forma, este trabalho tem como objetivo específico potencializar o uso das histórias em quadrinhos como importantes recursos didáticos a serem trabalhados e utilizados em sala de aula.

A partir dos anos 2000, as adaptações de histórias em quadrinhos tornaram-se cada vez mais presentes na indústria cinematográfica. As maiores bilheteiras têm sido das adaptações de quadrinhos, grande parte das vezes sobre heróis e heroínas que anteriormente não tinham suas histórias tão popularizadas pelo mundo, sobretudo em meio ao público infanto-juvenil. Segundo o site *Box Office Mojo By IMDBPro*, 24% das 100 maiores bilheteiras da história do cinema são de adaptações de quadrinhos de super-heróis. Como quadrinhos e heróis são populares entre o público infanto-juvenil, este trabalho se faz importante por compreender o potencial destas mídias em sala de aula, introduzindo e desenvolvendo temas e reflexões que, por vezes, não despertariam o mesmo interesse quando apresentados de formas mais tradicionais, como nos livros didáticos ou nas aulas expositivas. A popularidade e aceitação dos quadrinhos e das histórias relacionadas aos super-heróis torna-se uma ferramenta para despertar o interesse e desenvolver a aprendizagem sobre os temas trabalhados por educadores em sala de aula.

A popularidade que tais narrativas possuem entre esse público torna-se uma ferramenta potente para promover reflexões sobre a pauta racial através da história de João Cândido e a Revolta da Chibata. Neste sentido, a importância deste trabalho para o ensino de história em sala de aula é uma soma entre as possibilidades que as histórias em quadrinhos proporcionam junto à necessidade de promover discussões e reflexões sobre raça e racismo no Brasil.

Protagonista de um evento histórico com camadas heroicas para a população negra na Primeira República, João Cândido é um personagem cuja memória é maltratada ao longo dos anos no Brasil.

Estudar sua história e legado pode instigar o interesse sobre as permanências de práticas da escravidão e do racismo na República, bem como as formas que o Estado brasileiro lida com figuras que desafiam sua hegemonia.

Nos dias atuais, uma insurgência ocorrida em 1910 de trabalhadores da Marinha motivados pelo fim da exploração, das más condições de trabalho e da violência física pode nos trazer lições importantes para a sociedade atual sobre as possibilidades de luta por direitos, ainda que seja contra uma instituição poderosa do Estado. Além disso, a Revolta da Chibata é um evento que desnuda discursos sobre emancipação e liberdade dos negros a partir de 1888. Mesmo com um novo modo de governo que não tinha a escravidão como motor econômico, visto que um ano antes a Lei Áurea foi assinada, marinheiros negros eram amarrados para serem violentados com chibatadas, assim como sofriam as pessoas escravizadas, muitas delas vivas em 1910.

A Revolta da Chibata é um dos primeiros grandes eventos da história brasileira que escancara um dos principais males que permanecem firmes no Brasil: o racismo que se desenvolve após a abolição.



Figura 4 - João Cândido, conhecido como Almirante Negro. Fonte: Senado Federal. 2021.

Esse trabalho pode alcançar públicos mais jovens, como adolescentes do ensino fundamental e médio, se adaptada para uma linguagem que pode ser disseminada para leitura pessoal, bem como usada como livro paradidático.

Histórias em quadrinhos possuem uma aceitação grande e comumente estão presentes em salas de aula de linguagens e ciências humanas. A Revolta da Chibata e os feitos de João Cândido adaptados aos quadrinhos podem tornar-se um referencial de heroísmo presente em terras brasileiras para um público que frequentemente se inspira em super-heróis, fictícios em sua maioria, de terras estrangeiras. Não é menos importante ressaltar que a ideia de herói não é imutável nos quadrinhos, superando os primeiros e populares arquétipos de super-heróis unidimensionais, cujas personalidades costumavam ser moralmente incorruptíveis.

Um personagem que não comete erros, não possui fraquezas e arrependimentos é muito mais difícil de gerar identificação com um público real. Pessoas cometem erros e carregam arrependimentos durante a vida, assim como a mesma pessoa pode ser “heroína” ou “vilã” em algum momento. O mesmo pode valer para os super-heróis e isso foi percebido pelas grandes editoras.

Um clássico exemplo é *Batman - O Cavaleiro das Trevas*, de Frank Miller. Mesmo tendo métodos e ideias questionáveis, o Batman comumente era retratado como um personagem de valores inalteráveis, sempre como um combatente temido pelos criminosos e muitas vezes convocado pela polícia para ajudar na manutenção da ordem de Gotham. Na história de Frank Miller, o herói aparece com mais idade e menos vigor físico, tendo abandonado o manto do Homem Morcego. Cansado e atormentado pelas perdas que sofreu, além de sofrer com alucinações e traumas, um evento faz Bruce Wayne retomar sua veste de Batman e sair pela noite de Gotham combatendo criminosos.

Como seu corpo já não estava mais nas mesmas condições de sua juventude, cada vez mais a violência era usada para compensar as próprias limitações. Com isso, o Batman assumiu um papel mais controverso do que era visto em suas histórias convencionais, ferindo gravemente os criminosos que enfrenta, bem como os deixando até mesmo paraplégicos, amparado em seu suposto juramento de não tirar vidas. Na mesma história, o Batman desobedece

continuamente as leis e o governo, colocando-se acima do bem e do mal e recrutando uma milícia para si.

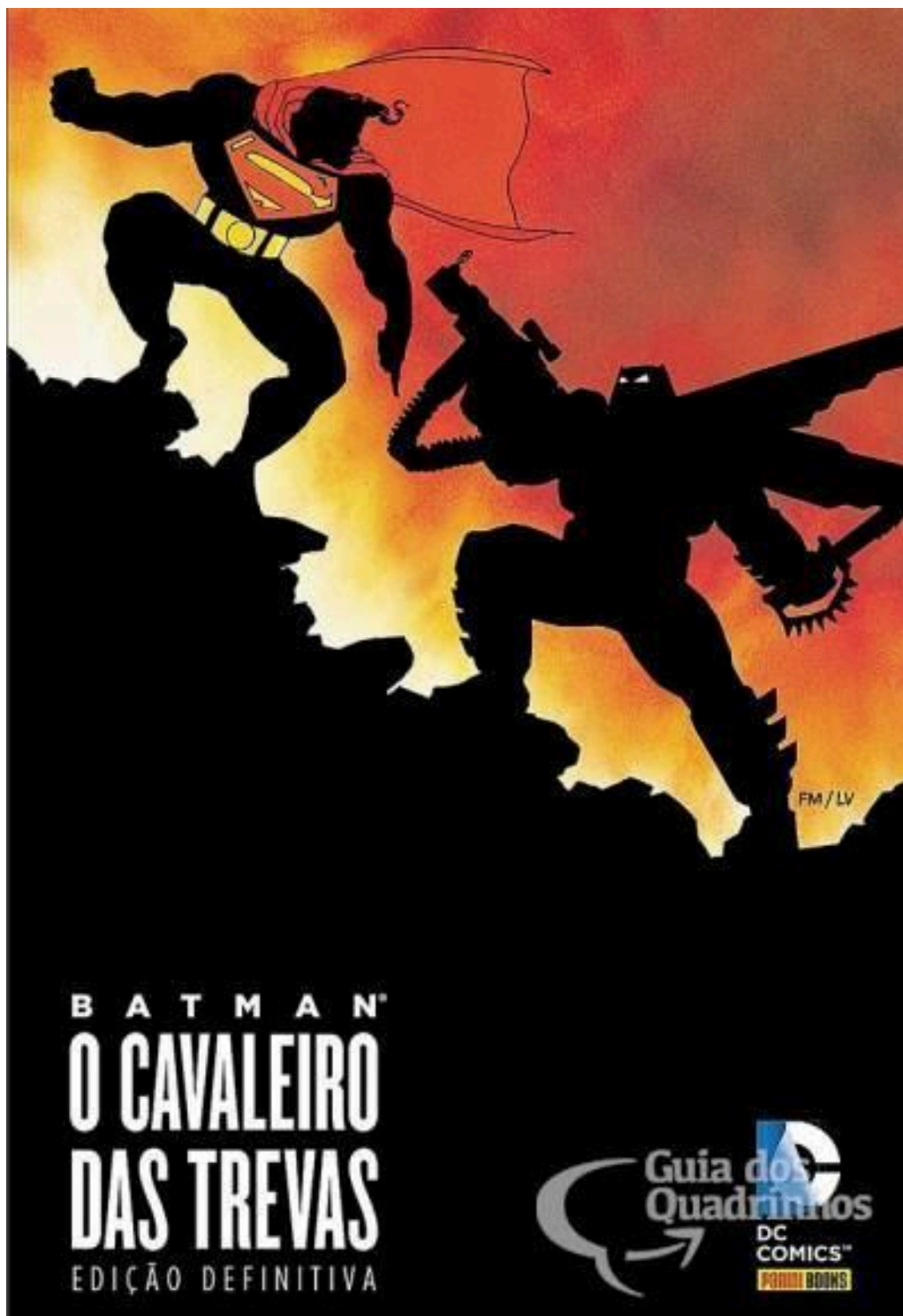


Figura 5 - Batman: O Cavaleiro das Trevas. Fonte: guiadosquadrinhos.com

O impacto de *Batman - O Cavaleiro das Trevas* na indústria dos quadrinhos gerou debates sobre uma inclinação de Bruce Wayne a um caráter menos heróico e

mais violento, entrando em conflito com o próprio Estado para realizar seus objetivos, assim como popularizou histórias que questionam a ideia do herói, pondo em cheque a lisura de seus atos. Não era tão difícil perceber e apontar as contradições em torno de um bilionário que investe em recursos para sair mascarado pelas noites batendo e punindo pessoas que não foram julgadas pela lei, assim como de um super-herói que veio de outro planeta e derruba inúmeros prédios para derrotar um vilão. Faltavam histórias que mostrassem que essa perspectiva também poderia gerar bons resultados, tendo como exemplos o próprio *Batman - O Cavaleiro das Trevas* e *Watchmen* de Alan Moore. Com isso, não é estranho o uso do termo “herói” ao abordar o tema deste trabalho, visto que o conceito não carrega um significado estático, mas refere-se a personagens que possuem suas virtudes e seus defeitos, bem como cometem erros e acertos. João Cândido não é um personagem nascido nos quadrinhos, mas um homem real que viveu em um Brasil que não tinha pudores em demonstrar aversão ao corpo negro, seja pela violência direta ou pela negação das possibilidades de formação e cuidado. Ainda assim, João Cândido foi capaz de colocar-se como uma das vanguardas de uma insurreição que inspira e demonstra a capacidade do povo negro protagonizar revoluções em um país que o oprime.

Diante do exposto, João Cândido não torna-se um herói por ter sido uma pessoa de conduta ilibada por toda sua vida, tampouco uma pessoa que não cometeu equívocos, mas por ser para o povo negro símbolo e representação de luta contra o racismo e suas violências. Em termos metodológicos, visando uma compreensão abrangente sobre o tema, fez-se necessário fazer um levantamento bibliográfico que abordasse não apenas a Revolta da Chibata, mas também a Primeira República no Rio de Janeiro e a questão racial, sobretudo pela perspectiva do negro no Brasil. Sendo o produto final um projeto voltado para as histórias em quadrinhos, também foram analisados e utilizados como base para a pesquisa materiais acadêmicos que falam sobre o desenvolvimento e a relevância dos quadrinhos, bem como HQ's que contribuíram para analisar e desenvolver as ideias do projeto.

Nesse sentido, se faz necessário debruçar sobre o fato histórico e os acontecimentos que diretamente influenciaram para construir o contexto vivido pelos marinheiros em 1910. Portanto, não seria possível compreender a história da

Revolta da Chibata sem compreender a Primeira República e o Rio de Janeiro dos primeiros anos do Séc. XX, o que torna indispensável analisar os eventos históricos ocorridos no início da República Brasileira, como foram os primeiros anos e os desdobramentos que se destacam no período, pois conflitos militares, crises econômicas e revoltas populares ocorridos entre 1889 e 1910 contribuem para a compreensão dos motivadores da revolta dos marinheiros negros. Como o produto final se dedica a tratar a figura de João Cândido a partir de um olhar que valoriza a sua história, também se faz importante a biografia como referencial a partir da obra **Retratos do Brasil Negro: João Cândido**, de Fernando Granato. Compreender as formas de fazer uso da biografia torna-se necessário para o desenvolvimento da narrativa que se dedicará a valorizar o legado e a memória de João Cândido, da mesma forma que se faz necessário trabalhar a ideia de memória a partir da perspectiva sobre um homem negro. O lugar de João Cândido enquanto homem negro será pensado também a partir das perspectivas de **Fanon** quando desenvolve que a racialização do negro se dá em contraste ao branco, que não se racializa, pois se vê como “apenas” humano.

O Homem liberado do trampolim constituído pela resistência dos outros, ferindo na própria carne para encontrar um sentido para si. Apenas alguns dos nossos leitores poderão avaliar as dificuldades que encontramos na redação deste livro. Em uma época em que a dúvida cética tomou conta do mundo, em que, segundo os dizeres de um bando de cínicos, não é mais possível distinguir o senso do contra-senso, torna-se complicado descer a um nível onde as categorias de senso e contra-senso ainda não são utilizadas. O negro quer ser branco. O branco incita-se a assumir a condição de ser humano. Veremos, ao longo desta obra, elaborar-se uma tentativa de compreensão da relação entre o negro e o branco. O branco está fechado na sua brancura. O negro na sua negrura. (FANON, 2020, p.27).

A partir dessa perspectiva, abordar a história de um homem negro que protagonizou um evento de caráter revolucionário, mas ainda assim, seguiu desvalorizado e desumanizado é um dos pilares para a análise das fontes e da história de João Cândido. Outro conceito fundamental à pesquisa é o de Memória, pensado a partir de Caroline Bauer no texto *Quanta verdade o Brasil suportará? Uma análise das políticas de memória e de reparação implementadas no Brasil em*

*relação à ditadura civil-militar*⁷. A reflexão de Bauer vai ao encontro da minha proposta de trabalho por ter na reparação histórica uma possibilidade de romper com as perspectivas hegemônicas que ofuscam a história e a memória de homens negros como João Cândido. Pensar em outra possibilidade de futuro na qual a memória do Almirante Negro não se resume a uma pequena estátua próxima à Baía de Guanabara rompe com a prática de “desmemória” que Bauer cita em seu artigo:

Neste sentido, forjou-se durante esse processo a chamada “ideologia da reconciliação”, baseada na premissa da equiparação da violência do Estado e das organizações de esquerda armada – o que permitia responsabilizar a todos pela violência do período e, assim, incentivar o esquecimento recíproco, através da desmemória e do silêncio. A premissa de que não se pode construir uma democracia baseada no esquecimento não foi levada em consideração nesse período (BAUER, 2014, p.151).

Apesar de ter recebido apenas em 2008 uma anistia póstuma, a história de João Cândido e da Revolta da Chibata estão repletas de atos irregulares do Estado brasileiro que são ofuscados juntos ao apagamento da memória do Almirante Negro. O trabalho de Caroline Bauer é referência importante para a pesquisa, pois João Cândido é uma figura histórica cuja invisibilidade pode despertar reflexões e questionamentos sobre o lugar possível de um herói negro na memória de um país estruturalmente racista. Destaque de uma revolta que pressionou o então recém empossado presidente Hermes da Fonseca a tomar providências, tamanho o temor pela ação dos marinheiros, João Cândido simbolizou a força que o povo negro possui para alcançar conquistas contra opressões históricas, dando fim a uma tortura violenta cometida pela Marinha, um dos braços armados do Estado. Ao fim será apresentado o produto dessa dissertação, que parte do entendimento que, durante muito tempo, os negros foram retratados de forma caricata e preconceituosa nas histórias em quadrinhos. Personagens famosos como Tarzan e Tintim contavam histórias nas quais os povos africanos eram vilões e bestializados, como pontua Fanon:

É a isso que tendem os jogos nas instituições para crianças, os psicodramas nas terapias coletivas e, de modo mais geral, as revistas ilustradas para os jovens, – cada tipo de sociedade exigindo, naturalmente, uma forma de catarse determinada. As histórias de Tarzan, dos exploradores de doze anos, de Mickey e todos os jornais

⁷BAUER, Caroline Silveira. *Quanta verdade o Brasil suportará? Uma análise das políticas de memória e de reparação implementadas no Brasil em relação à ditadura civil-militar*. Rio Grande do Sul: Universidade Federal de Pelotas, 2014.

ilustrados tendem a um verdadeiro desafogo da agressividade coletiva. São jornais escritos pelos brancos, destinados às crianças brancas. Ora, o drama está justamente aí. Nas Antilhas – e podemos pensar que a situação é análoga nas outras colônias – os mesmos periódicos ilustrados são devorados pelos jovens nativos. E o Lobo, o Diabo, o Gênio do Mal, o Mal, o Selvagem, são sempre representados por um preto ou um índio, e como sempre há identificação com o vencedor, o menino preto torna-se explorador, aventureiro, missionário “que corre o risco de ser comido pelos pretos malvados”, tão facilmente quanto o menino branco. (FANON, 2020, p.130-131).

Ademais, a mesma mídia também possuía forte influência política entre o público jovem, sendo utilizada (pelas mais populares editoras, como Marvel Comics e DC Comics) para disseminar discursos em torno de eventos históricos como a 2ª Guerra Mundial e a Guerra Fria. Outro exemplo da relevância e influência das histórias em quadrinhos é a *graphic novel Watchmen*. Criada em 1986 por Alan Moore, *Watchmen* é uma das HQ's mais influentes já feitas, tanto pela perspectiva pessimista e realista sobre os super-heróis, como pela forte crítica política e ideológica no contexto da Guerra Fria. Devido ao sucesso, *Watchmen* recebeu adaptações no cinema e na TV. A série, lançada em 2019, relembra o *Massacre de Tulsa*, ocorrido em 1921, no estado do Oklahoma. Apesar de ter sido um dos maiores ataques com motivação racial ocorridos dentro do território dos Estados Unidos, caiu no esquecimento durante um século, tanto pela impunidade, ausência de reparação e desconhecimento histórico das gerações seguintes.



Figura 6 - Dajour Ashwood, Steven Norfleet and Alexis Louder em cena da série "Watchmen" — Foto: Divulgação/MarkHill/HBO

O impacto cultural da série resultou em novas buscas por justiça e indenizações e uma evidência muito maior ao caso enquanto fato histórico, tornando o *Massacre de Tulsa* parte do currículo escolar no estado do Oklahoma. Compreendendo o potencial das histórias em quadrinhos como uma mídia relevante para disseminar e promover reflexões sobre raça e história, bem como sua capacidade em gerar impactos sociais, a exemplo de *Watchmen*, o produto desta pesquisa consiste na elaboração de um projeto de quadrinhos inspirado nas populares HQ's de super-heróis, porém focado na história de João Cândido e a Revolta da Chibata, debruçando-se não apenas no fato histórico, mas lançando mão da importância de evidenciar o protagonismo negro através de João Cândido como figura central da história, bem como o componente racial, enfatizando a crítica ao apagamento histórico e à invisibilização de sua memória. Visualmente, o projeto contará com a ilustração de personagens chave, tendo João Cândido como protagonista, cujas características seguirão as liberdades criativas comuns aos quadrinhos, como o uso de um uniforme característico e poderes, já que o projeto não tem como foco primordial contar a história de João Cândido com pretensões biográficas, mas inspirar-se em seu legado para contar uma história ficcional que busca enfatizar e valorizar a representação do Almirante Negro para a população preta no Brasil.



Figura 7 - João Cândido Super-herói. Imagem da Bíblia do Projeto. Foto: Hamilton Kabuna

Uma vez estruturado, o projeto será apresentado através de um pequeno livro contendo a sinopse, ficha e design dos personagens e algumas páginas de arte e roteiro, cumprindo assim o objetivo de apresentar a ideia de uma futura história em quadrinhos completa e publicável. Tendo como alvo adolescentes entre os ensinos fundamental e médio, público alvo das obras focadas em super-heróis, a ideia de um personagem negro retratado e valorizado pelo seu ato de heroísmo em uma história ocorrida em terras brasileiras é crucial para a proposta do trabalho. Uma vez produzida, seu uso em sala de aula passará pela leitura, análise das

imagens, bem como debates e reflexões sobre racismo, Primeira República, protagonismo negro. Nas aulas de história, a inserção de histórias em quadrinhos como material paradidático contribui para o aprendizado acerca de temas históricos cujo interesse e abertura podem ser maiores na respectiva mídia.

CAPÍTULO 1 - HISTÓRIAS EM QUADRINHOS, SALA DE AULA E ENSINO DE HISTÓRIA

A origem das histórias em quadrinhos é um tema com muitas perspectivas e pouco consenso. Mesmo que pudéssemos considerar até as pinturas rupestres de períodos históricos anteriores à escrita como um ponto de partida para os quadrinhos, o que podemos confirmar é que seres humanos comunicam-se através de imagens e símbolos muito anteriormente às HQ's, por isso, no presente capítulo, nos debruçamos sobre o potencial das histórias em quadrinhos quando utilizadas em sala de aula, tendo como foco principal as aulas de história.

Um dos grandes responsáveis pelo sucesso das histórias em quadrinhos é o subgênero dos super-heróis. Sendo o carro chefe das mais famosas editoras, como Marvel Comics e DC Comics, gerou a criação de diversos personagens icônicos que fazem sucesso até os dias de hoje como Batman, Homem Aranha, Mulher Maravilha, Capitão América e Superman, sendo este último um dos grandes responsáveis pela popularização do gênero após a sua criação por Jerry Siegel e Joe Shuster em 1938.

O subgênero dos super-heróis é de profunda importância para a popularização dos quadrinhos, mas ainda é um dentre muitos outros. Uma das mais antigas HQ's, criada em 1895 por Richard Outcault chama-se **Yellow Kid**. Considerada uma das pioneiras entre os quadrinhos, não trazia lutas ou cenários fantásticos, mas situações cotidianas em Nova York com ênfase na presença Irlandesa, retratando questões sociais e políticas ocorridas entre o fim do Século XIX e o início do Século XX.



Figura 8 - Yellow Kid. Fonte: nanquim.com.br

O Brasil também possui sua história em quadrinhos nascida no Século XIX. **As Aventuras de Nhô Quim e Zé Caipora** foi criada em 1869 por Ângelo Agostini. Refletindo o contexto do período nos anos que foi publicada, suas narrativas eram repletas de críticas à monarquia e à escravidão. A presença do contexto sociopolítico tendo destaque nas histórias não é exclusividade das HQ's de super-heróis, mas são características constantes nas histórias em quadrinhos de variados gêneros. Autoras e autores são sujeitos históricos e não estão alheios às questões de seu tempo, o que faz das histórias em quadrinhos valiosas ferramentas para ensino e aprendizagem da História, possibilitando investigar e identificar não apenas os fatos, mas as intencionalidades presentes nos roteiros e nas narrativas escolhidas pelos autores, pois as histórias em quadrinhos sempre possuíram tradição crítica para que sejam pensados os contextos nos quais elas estão inseridas. NETO (2015) vai abordar a relevância das histórias em quadrinhos não apenas para a compreensão do contexto histórico da obra e das pessoas envolvidas, mas como uma arte capaz de propor reflexões sobre humanidade e as diversas possibilidades de existir e pensar, refletidas em páginas cujas mensagens podem ser compreendidas com textos, imagens e cores.

Como artefatos culturais, as HQs buscam construir/refletir sobre o sentido do que significa existir como ser humano, lançando mão para tal reflexão da imaginação criadora que o coloca nos mares da ficção, sempre, porém, com referência na experiência humana. Nesse sentido, terminam por se constituir num campo favorável para a criatividade, campo este no qual elas serão, dentro das diferentes sociedades humanas, valorizadas, seja por seu conteúdo autoral que fala diretamente às necessidades humanas mais profundas, seja por seu sucesso comercial que responde a necessidades, em bom número de vezes, imposta pela sociedade de consumo ou, ainda, pela conjunção destes dois motivos. (ELYDIO, 2015, p.11-12)

No Brasil, não é raro ouvir pessoas afirmarem que aprenderam e desenvolveram a leitura com os quadrinhos da *Turma da Mônica*. A mais famosa série brasileira de histórias em quadrinhos possui há décadas uma popularidade que lhe rendeu a abertura de milhões de casas pelo país, tornando-se relevante para crianças, adolescentes e adultos que descobriram que era possível se divertir com personagens cartunizados enquanto desenvolviam aprendizados tradicionalmente reservados à escola, como leitura e interpretação de textos. Nesse sentido, as histórias em quadrinhos podem ser compreendidas como uma mídia capaz de gerar aprendizados sobre vida e sociedade, formar leitores, bem como pode ser utilizada como ferramenta para desenvolver aprendizados em sala de aula, inclusive no campo da História.

Não é raro em aulas de história o uso de mídias alternativas em sala, como filmes, vídeos da internet e notícias. Por exemplo, para tratar de 2ª Guerra, comumente obras cinematográficas são utilizadas para retratar ou exemplificar fatores que são ensinados pelo professor. O filme *A Vida é Bela* (1997) de Roberto Benigni⁸ é comumente utilizado como uma ferramenta para aproximar a compreensão de discentes sobre as características e impactos dos Campos de Concentração. Acompanhar a trajetória e dores dos personagens cria, além da empatia pelas vítimas reais, uma maior compreensão visual do que o professor está buscando ensinar. Desta forma, o filme não sobrepõe a aula, mas a complementa. O uso das histórias em quadrinhos pode ter relevância semelhante quando trata-se, entre outros, da pauta racial. Em 1972, foi criado o super-herói Luke Cage por Roy Thomas, Archie Goodwin e John Romita Jr. Sendo um dos primeiros super-heróis negros criados pela Marvel, Luke Cage destacava-se pelo teor mais urbano de suas

⁸ A VIDA é bela. Direção: Roberto Benigni. Produção: Agnès Mentre, Elda Ferri e Mario Cotone. Elenco: Roberto Benigni, Giorgio Cantarini, Nicoletta Braschi e Alessandra Grassi. Produzido por: Miramax, 1997.

histórias, focando no cotidiano das comunidades negras dos Estados Unidos e tratando de temas como violência, desigualdade social e drogas.

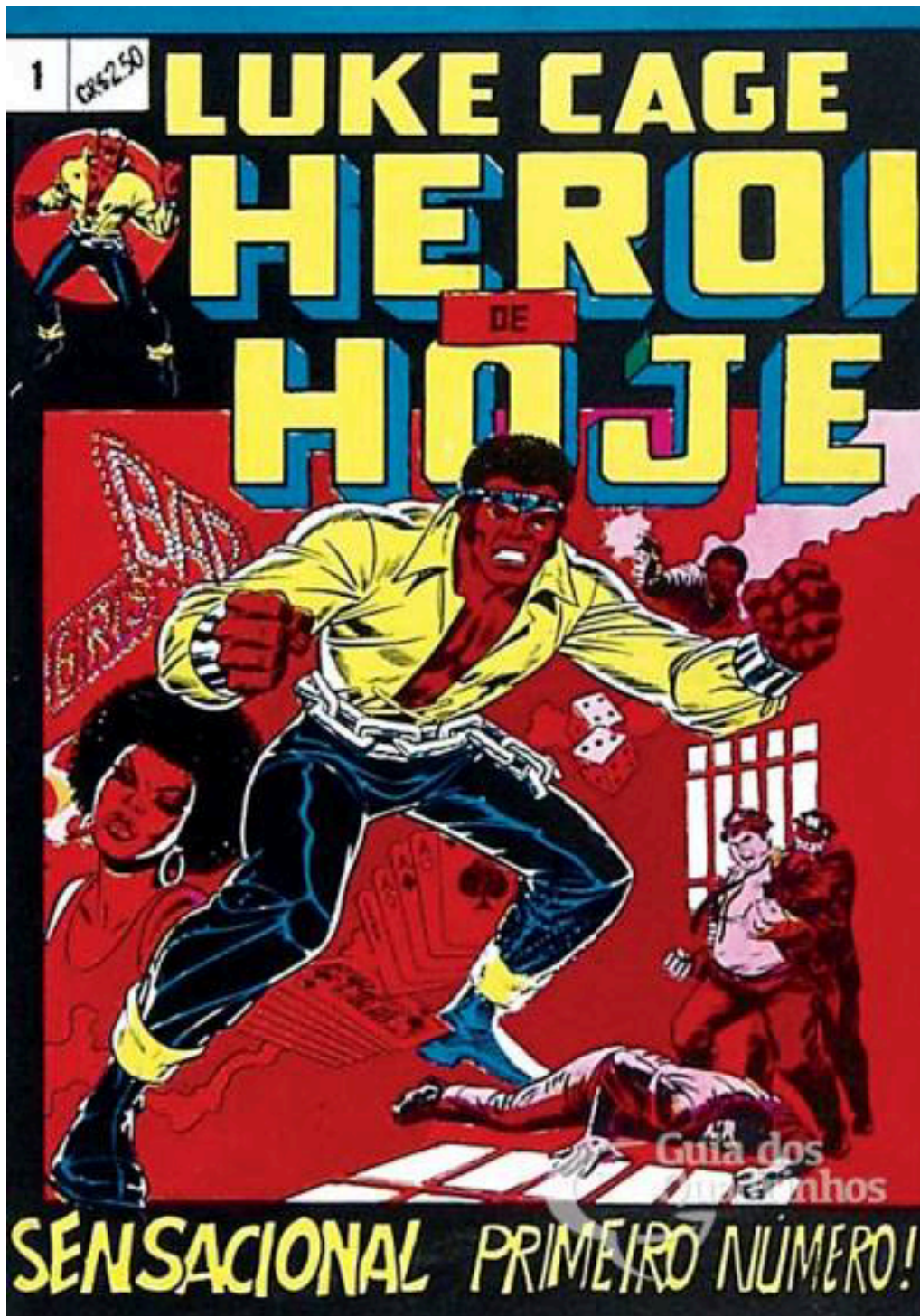


Figura 9 - Luke Cage: Primeiro Número. Fonte: guiadosquadrinhos.com

Sendo a década de 1970 um período determinante nos Estados Unidos para os Movimentos por Direitos Civis e grupos organizados como o Partido dos Panteras Negras, graças à ascensão de personalidades importantes como Rosa

Parks e Malcolm X, estavam em alta as manifestações contra a violência policial nas comunidades de maioria negra. Nesse sentido, o surgimento de um super-herói que possui como maior característica a invulnerabilidade a balas torna-se um elemento poderoso para desenvolver reflexões e a empatia pelos problemas vividos pelos negros nos Estados Unidos. Em sala de aula, a aproximação aos temas que são inseridos de forma subjetiva, como os poderes exemplificados em Luke Cage, podem facilitar e gerar identificação para que o conteúdo seja aprendido com maior afinidade, interesse e engajamento. Dessa forma, as histórias em quadrinhos tornam-se tão relevantes em sala de aula quanto outras mídias, como obras cinematográficas. Não menos importante, o Pantera Negra já despontava desde o ano 1966 como um dos mais emblemáticos super-heróis negros da Marvel. Sua criação ocorreu no mesmo ano de fundação do Partido dos Panteras Negras. No cenário dos quadrinhos, sua presença trouxe grandes impactos para a indústria e para as histórias, que aos poucos, foram tornando-se mais representativas, embora ainda com larga distância para os personagens brancos.

T'Challa, ou Pantera Negra, é um herói muito significativo no mundo dos quadrinhos. Criado por Stan Lee e Jack Kirby em 1966, década marcante para a luta pelos direitos civis, é um personagem de destaque, embora sua popularidade com o público geral tenha ganhado forma definitiva em 2018, com o filme. Sua primeira aparição foi em *Fantastic Four*, Vol. 1, #52 (Julho de 1966). T'Challa é o rei de Wakanda, reino fictício localizado na África. O continente que tanto sofreu com o homem branco europeu, seja explorando sua riqueza ou escravizando seu povo, tem aqui um reino que teve seu território atingido por um meteorito dez mil anos antes do reinado de T'Challa. Esse meteorito era composto por Vibranium, um dos metais mais poderosos e valiosos do universo Marvel. O Vibranium tem a capacidade de absorver impacto, som e basicamente é indestrutível. É pelo Vibranium que Wakanda se torna a nação mais avançada do mundo. Wakanda é uma nação intencionalmente isolacionista, pois o rei preza por proteger o Vibranium do resto do mundo e preservar a cultura local. Por não ter sofrido com a interferência do colonizador como grande parte dos países vizinhos, é possível notar a força cultural de Wakanda pela estética, religião e aspectos tribais na formação da sociedade. A história de Wakanda pode ser vista como uma metáfora ao potencial do continente africano se não houvesse colonização. Uma nação que se fechou e manteve sua riqueza, cultura e legado longe do alcance do homem branco se tornou a maior potência tecnológica do mundo, o exército mais temido e uma das maiores concentrações de riquezas em todo o planeta. (SANTOS, 2019, p.9-10).



Figura 10 - Aula eletiva: A História nos Quadrinhos (9º ano). Professor: Diego Rogério, 2021.

Um exemplo do uso de quadrinhos em sala de aula está na minha própria experiência enquanto professor de história em uma matéria eletiva chamada “A História nos Quadrinhos”, para turmas do 9º ano. Entre os objetivos da matéria,

estava enfatizar a possibilidade de compreender fatos históricos e suas nuances através das histórias em quadrinhos. Uma das aulas teve como objeto a evolução do Superman através dos anos. Criado em 1938, suas histórias iniciais tinham grande influência do contexto socioeconômico vivido nos Estados Unidos à época, graças aos impactos da Grande Depressão gerada pela Crise de 1929. Um super-herói que veste as cores dos Estados Unidos e devolve em atos a esperança para um povo desacreditado transmite mensagens que se aproximam do que vivia aquela sociedade, ainda que várias características marcantes do Superman não existissem nas suas primeiras histórias, como a força descomunal e a capacidade voar.

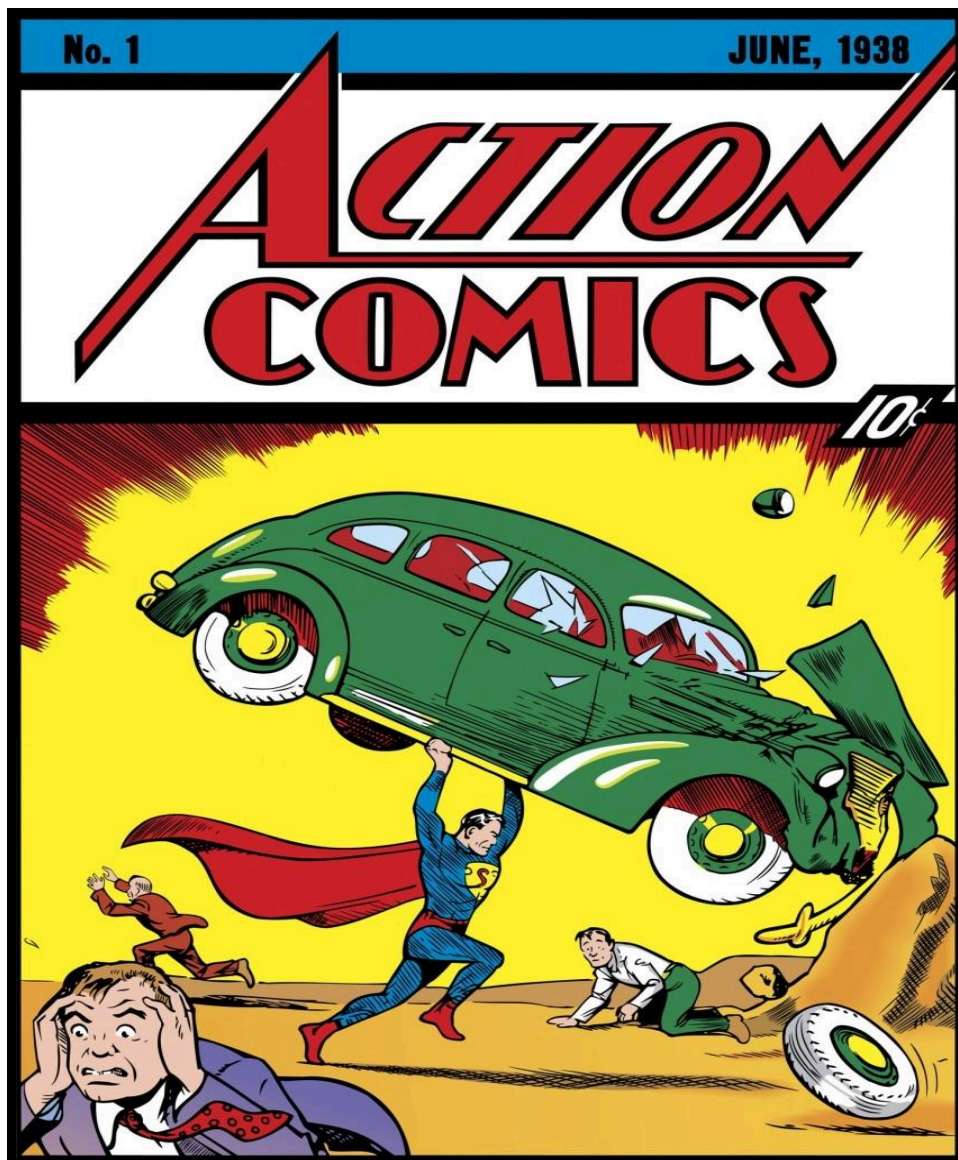


Figura 11 - Superman: nº 1. Fonte: guiadosquadrinhos.com

Já nos anos 1960, com os conflitos da Guerra Fria em evidência, a ameaça nuclear e a memória das bombas atômicas lançadas contra o Japão, as dimensões de poder destrutivo que a humanidade pode alcançar foram redefinidas. Com isso, os poderes do Superman se desenvolveram de tal modo que seu potencial, por vezes, era comparado ao das bombas nucleares.

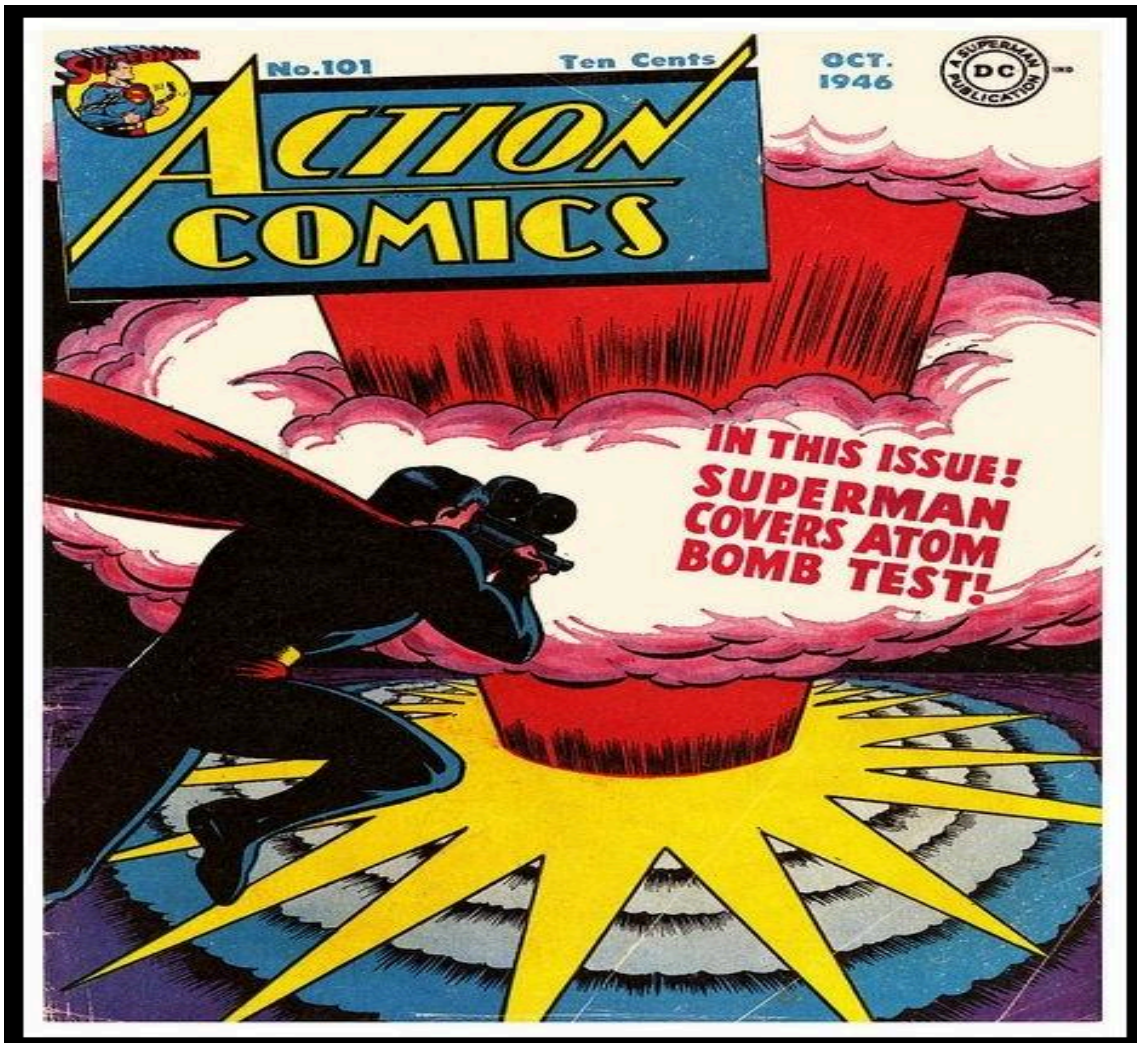


Figura 12 - Superman: Action Comics nº 101. Fonte: guiadosquadrinhos.com

Relacionar esses elementos nos quadrinhos com a História contribuiu para que o tema trabalhado fosse compreendido com maior afinidade. Sendo assim, consegui desenvolver debates e reflexões acerca da Guerra Fria e da sua influência até mesmo para o entretenimento. As aulas seguiram nesse modelo, sendo o tema histórico trabalhado a partir dos paralelos e relações com os quadrinhos, tendo como produção dos alunos, ao fim, a criação de um personagem inspirado em

super-heróis de quadrinhos. A turma se dividiu em grupos, cabendo a cada grupo a criação de um personagem com uma pequena origem ligada a um contexto sociopolítico entre alguns sugeridos pelo professor e tendo seus poderes ligados à narrativa criada.

Ao fim do curso, foi alcançado o objetivo de discutir os temas históricos propostos, bem como o de compreender as histórias em quadrinhos como relevantes para o estudo da História e para o desenvolvimento do senso crítico, o que foi avaliado a partir das produções finais dos grupos.

Dentro do mesmo tema, desenvolvi diversas palestras para o Ensino Fundamental 2, enfatizando as potencialidades dos quadrinhos para o ensino de História, bem como as possíveis relações entre os personagens, seus elementos e os fatos históricos que os inspiraram. Para as palestras, buscava enfatizar que o uso de artes e desenhos para a comunicação não é uma invenção contemporânea, mas está presente desde os mais antigos registros sobre a humanidade, sendo assim, os quadrinhos podem ser compreendidos como um gênero literário que buscou inspiração em diversas e antigas formas de arte e comunicação, que adaptadas e transportadas para as páginas, as caixas de texto junto às artes gráficas dão forma às histórias em quadrinhos como as conhecemos atualmente.



Figura 13 - Aula eletiva: A História nos Quadrinhos (7º ano). Professor: Diego Rogério, 2021.

Uma forma de entender como se deu o aprendizado através das aulas e palestras sobre quadrinhos está na criação e características do Capitão América. Criado em 1941, em meio à Segunda Guerra Mundial, o personagem pode ser percebido como um super-herói que representa, não apenas nas suas cores, os Estados Unidos na Grande Guerra. Sua primeira capa foca no Capitão acertando um soco em Adolf Hitler, marcando de início a posição dos Estados Unidos no conflito mais emblemático do século passado.



Figura 14 - Capitão América - volume 1(1941). Fonte:Disney Brasil.

Não menos importante, a escolha do escudo como “arma” principal pode ser entendida como uma metáfora ao discurso da entrada do país no conflito para defender a liberdade e impedir o avanço do Nazismo no mundo. É uma arma de defesa que caracteriza o super-herói, que possui forte relação com o militarismo dos Estados Unidos, como um combatente pacífico, afastando-se de um arquétipo violento. Nesse aspecto, um personagem de quadrinhos carrega fortes discursos políticos em sua narrativa, bem como nas escolhas de design. É a História nos quadrinhos, e os quadrinhos contribuindo para o ensino de História.

Indo além da sala de aula, pude levar o tema para um Ted Talk. Apesar da aceitação e interesse pelo tema, tanto por crianças e adolescentes como também por parte dos adultos, chamou a atenção o pouco contato com os quadrinhos quando, ao interagir com a plateia, pôde ser constatado que a maior parte das pessoas limita-se a ter contato com histórias em quadrinhos apenas na infância, abandonando o consumo durante a vida adulta. Tal constatação é um dos grandes motivadores para trabalhar com histórias em quadrinhos dentro e fora das salas de aula, enfatizando sua relevância e potencial.



Figura 15 - TedX Youth@TBSRJ. Palestrante: Diego Rogério, 2024.

CAPÍTULO 2 - A INVISIBILIDADE DO PROTAGONISMO NEGRO NO PÓS ABOLIÇÃO

A chegada de africanos negros durante o período colonial trouxe diversos impactos sofridos pelos escravizados no decorrer dos séculos de vigência do regime escravocrata. Além de serem retirados à força de seus territórios, perdiam o contato com seu povo e eram forçados, além do trabalho escravizado, a abandonarem seus nomes, práticas religiosas e língua materna.

Tais aspectos demonstram uma das grandes violências que fazem parte do legado da escravidão no racismo moderno: a desvalorização das identidades e individualidades dos negros. Até mesmo as intencionalidades por trás das decisões de inserção da escravidão africana passam pela invisibilidade dos negros enquanto sujeitos, o que pode ser percebido no texto de Joel Rufino dos Santos

Quando Pedro Álvares Cabral pisou aqui, havia cerca de 3 milhões de índios, é certo; só que índios não eram exatamente o tipo de trabalhador de que o açúcar precisava. O açúcar precisava, em poucas palavras, de trabalhadores treinados em grandes plantações sedentárias, resistentes e baratos. MUITÍSSIMO antes de o Brasil ser descoberto e conhecer o primeiro engenho de açúcar, qualquer europeu sabia muito bem que na África, e só na África, se encontravam trabalhadores assim (SANTOS, 2006, p.8).

Mesmo com alguns termos datados, além da historiografia não definir tais motivos como únicos, fica percebido que as demandas de trabalho e produção não viam o africano como sujeito, mas como meio. Séculos de escravidão que, apesar de não serem estáticos na forma, mantiveram a lógica de desumanização dos negros escravizados, contribuíram para que a invisibilidade e a desumanização continuassem como característica determinante do racismo moderno.

Em *Mulheres, Raça e Classe*, ao abordar as particularidades das opressões sofridas por mulheres negras escravizadas, a saber, o abuso sexual, Angela Davis destaca como a escravidão nos Estados Unidos também resumia pessoas negras ao lugar de propriedade e força de trabalho. De maneira semelhante ao caso brasileiro, a desumanização era parte determinante da vivência dos escravizados, o que nos leva a compreender que tais processos são características do mundo da escravidão e da colonização, não diferindo tais aspectos em diferentes hemisférios. O negro é, pelo branco, desumanizado e resumido ao papel de força de trabalho, mesmo após as abolições. A Revolta da Chibata exemplifica tal afirmação.

O sistema escravista definia o povo negro como propriedade. Já que as mulheres eram vistas, não menos do que os homens, como unidades de trabalho lucrativas, para os proprietários de escravos elas poderiam ser desprovidas de gênero. Nas palavras de um acadêmico, “a mulher escrava era, antes de tudo, uma trabalhadora em tempo integral para seu proprietário, e apenas ocasionalmente esposa, mãe e dona de casa”. A julgar pela crescente ideologia da feminilidade do século XIX, que enfatizava o papel das mulheres como mães protetoras, parceiras e donas de casa amáveis para seus maridos, as mulheres negras eram praticamente anomalias (DAVIS, 2016, p.24).

O fato histórico analisado neste trabalho ocorreu vinte e dois anos após a Abolição da escravidão e vinte e um anos após a Proclamação da República. A Revolta da Chibata desperta possíveis reflexões sobre negritude, racismo, bem como transformações e permanências do escravismo na sociedade republicana. O evento analisado possui muitos personagens negros cujos nomes não foram conhecidos, e o próprio João Cândido, figura emblemática e liderança da Revolta da Chibata, teve seu nome e sua memória muito aquém de sua história.

A importância de discorrer sobre a Revolta da Chibata no contexto da Primeira República consiste, também, em afirmar a relevância de pensar o período sem generalizar seus eventos. Um dos impactos positivos da *Lei 10.639/2003* na sala de aula é a maior recorrência dos fatos históricos ocorridos na Primeira República sendo tratados individualmente devido ao protagonismo de personagens negros em muitos deles, como os desdobramentos das Reformas de Pereira Passos, a Revolta da Vacina e a própria Revolta da Chibata. Dessa forma, além de dar visibilidade a histórias e nomes apagados no decorrer dos anos, também é combatida a distorção histórica que figuras como João Cândido sofreu, tendo sua memória deturpada e transformado em um inimigo do Estado e da Marinha. Mais de um século após a Revolta da Chibata, o nome de João Cândido ainda é combatido, por exemplo, para não ser inserido seu nome na galeria de Heróis da Pátria.

A sala de aula torna-se um espaço relevante de valorização de tais narrativas quando a história da Primeira República é trabalhada em suas particularidades, não mais sendo citada resumidamente com seus fatos elencados em uma lista, com a Revolta da Chibata sendo citada entre outras apenas para destacar as insurreições ocorridas no período. Não significa, porém, que o tema da Primeira República e as reformas de Pereira Passos carecem de fontes, mas a própria variedade de autores trabalhando o tema contribui para a percepção sobre a forma generalizada que os

fatos históricos ocorridos durante o período foram apresentados em grande parte dos livros didáticos por muitos anos. Quando discentes aprendem as particularidades da Revolta da Chibata, por exemplo, não apenas vão compreender o cenário complexo de desigualdades e violências ainda sofridas por corpos negros apesar da abolição da escravidão, como vão começar a desconstruir a forma rasa e resumida que historicamente foi trabalhada a Primeira República em diversas aulas de História na educação básica.

Ainda sobre o combate à invisibilidade sofrida por João Cândido, foi apenas em 2008, 98 anos após a Revolta da Chibata, que ele recebeu, enfim, sua anistia póstuma, que foi proposta por políticos que tinha, entre eles, a então senadora Marina Silva. A anistia foi sancionada pelo presidente Lula, como menciona GRANATO (2010).

No livro *O Massacre dos Libertos*, Matheus Gato discorre sobre um conflito no qual um grupo de homens negros é alvejado após rumores decorrentes da Proclamação da República, no Maranhão. As variadas posições sociais que negros e os chamados, à época, mestiços, compunham, fruto das diversas leis anteriores à abolição, estão entre os possíveis aspectos que podemos atribuir à invisibilidade que ainda se faz presente no Brasil onde a escravidão legal não existe mais. Diferentes categorizações como livres e libertos já tornavam complexas as definições de identidade dos negros, o que dificultava as buscas por registros, como pode ser visto no trecho abaixo:

O registro do hospital descreve os homens que morreram no conflito como solteiros, naturais do Maranhão, de cor preta ou parda. Uma vez que o evento ocorreu cerca de um ano e meio após a assinatura da Lei Áurea, que aboliu formalmente o trabalho escravo no país, essas tabelas não informam se esses homens eram livres ou escravos antes do 13 de Maio de 1888. Entretanto, sabemos que o mais jovem dos falecidos, Sergio, possuía 22 anos na data do confronto. Assim, todas as vítimas nasceram antes da Lei do Ventre Livre (1871), e a maior parte delas assistiu à crise política e econômica do sistema escravista no Brasil na fase adulta de suas vidas. (GATO, 2020, p.14)

Tais informações não dão conta de explicar todas as possíveis percepções existentes sobre o negro no cenário do Brasil escravista, mas contribuem para a compreensão do contexto social desenvolvido no cenário da Revolta da Chibata. Ocorrido em 1910, o evento em questão está situado no período da Primeira

República, quando a população negra já estava há 22 anos livre da escravidão legal. Contudo, diversos aspectos deram continuidade à subalternização das condições sociais do negro na sociedade, incluindo a negação de sua condição humana, que pode ser representada pela presença da chibata como instrumento de violência direcionada ao corpo dos marinheiros negros. É importante salientar que 1910 é um ano que corresponde a pouco mais de duas décadas de República, e nesse tempo, alguns fatos contribuíram para uma República já acostumada a crises, conflitos internos e medidas políticas que geraram profundos impactos. Em 1904, as iniciadas reformas promovidas por Pereira Passos estavam entre as medidas políticas que impactaram a vida da população negra e periférica no Rio de Janeiro. Desta forma, os marinheiros estavam inseridos em um contexto de insatisfação com a marinha, mas também com o próprio governo.

Apesar de ser um período posterior ao Brasil Imperial que fez uso legal da escravidão, a Primeira República trouxe consigo formas atualizadas de invisibilização do negro na sociedade brasileira, mantendo-o subjugado apesar do novo modelo político. No Rio de Janeiro, então Distrito Federal durante a Primeira República, a marginalização de negros e pobres foi impulsionada através das reformas urbanísticas do início dos anos 1900.

Sob as decisões de Pereira Passos, a capital investe na formação de um novo Centro pensado aos moldes de Paris. Para isso, achou-se necessário fazer dessa reforma não apenas um período de obras e modernizações das estradas e portos, mas também um projeto de segregação socioespacial.

As medidas passavam por uma criminalização popular que, no limite, levaria à remoção do povo negro do centro da cidade. Expulso de suas casas, cortiços e até das ruas, o povo era empurrado para os morros e para os subúrbios, tendo muitas pessoas feito uso dos escombros das demolições do centro para a construção de suas novas moradias.

A enorme pressão por imóveis, devida tanto às demolições das zonas central e portuária quanto à especulação, empurrou as populações humildes para a periferia da cidade, ou para os bairros mais distantes e degradados, onde se alojavam em condições subumanas a preços exorbitantes. Desenvolvem-se, assim, os cortiços, as casas de cômodo ou “zungas”, onde o que se alugava era apenas uma esteira, disposta num salão aberto, em que se aboletar dezenas de pessoas, em total promiscuidade, sem nenhum

recurso higiênico ou sanitário. Regiões desvalorizadas, por serem impróprias para construções, como os morros e os mangues, começam a forrar-se de casebres construídos de tábuas de caixas de bacalhau, cobertas de latas de querosene desdobradas, igualmente sem nenhuma forma de higiene e sem água corrente. (SEVCENKO, 2018, p.83)

A revolta dos marinheiros ocorreu apenas 6 anos após o início das reformas no então Distrito Federal. Logo, o contexto sociopolítico apresenta aspectos semelhantes, especialmente no que se refere à exclusão dos negros na sociedade. Este contexto ajuda a compreender como foi possível que em 1910, vinte e dois anos após a abolição da escravidão, uma instituição como a marinha ainda empregava torturas físicas de origem escravista contra seus trabalhadores.

Nesse sentido, torna-se ainda mais representativa a ação de homens negros se organizarem em revolta contra uma violência que fazia parte da rotina de muitas pessoas que foram escravizadas e estavam vivas em 1910.

Quando a *Lei 10.639/2003* foi sancionada, estabeleceu a obrigatoriedade da inserção da história e da cultura afrobrasileira nas grades curriculares. Essa proposta contribuiria para uma maior presença de debates, reflexões e materiais em torno da questão da raça no Brasil, bem como a pauta da representatividade. Com isso, tornou-se menos rara a presença negra no audiovisual e propagandas, bem como empresas adotaram alguns programas para promoção da diversidade racial nos espaços de trabalho.

Contudo, tais aspectos relacionados à representatividade não podem ser resumidos a campanhas de diversidade. No livro *Questão de Raça*, Cornel West aborda, entre outras coisas, os impactos da ascensão de uma classe média negra nos Estados Unidos. Em um país com históricos atrasos na pauta racial que possui como uma das grandes marcas do Século XX a segregação racial, a abertura para a ascensão de uma classe média negra, representada por uma parcela muito pequena da população, foi benéfica para algumas famílias, mas servia também como mecanismo da branquitude para silenciar a luta negra.

Como salientou E. Franklin Frazier em seu clássico *Black Bourgeoisie* (1957), essas várias formas de status de classe média negra nunca chegaram a incluir mais de 5% dos afro-americanos antes da era dos direitos civis. Nestas duas últimas décadas, essa porcentagem cresceu para bem mais de 25%. Entretanto, o salto quantitativo não foi acompanhado por um qualitativo. A classe média

negra de nossos dias não é apenas diferente de suas predecessoras - é mais deficiente e, em termos mais incisivos, mais decadente. Em grande medida, as perspectivas e os estilos de vida que predominam hoje na classe média negra desencorajam o desenvolvimento de líderes políticos e intelectuais de valor. Nem é preciso dizer que isso também se aplica ao país como um todo; contudo, boa parte desse mal que acomete os Estados Unidos, impedindo o florescimento de líderes de peso, é mais acentuado entre os norte-americanos negros de classe média. (WEST, 2021, p.70)

Guardadas as devidas proporções, o contexto racial brasileiro também parte da premissa de grande desigualdade econômica e representativa. A população negra sendo parte significativa da população mais pobre do país, também vai ser atingida por propagandas e campanhas focadas em apresentar novas possibilidades de ascensão de acordo com o modo de produção capitalista. Da perspectiva das contradições em torno da representatividade guiada pelas demandas do mercado, trabalhadores negros que alçaram ao lugar de heróis contra a violência física praticada por uma poderosa instituição militar, no caso a marinha, podem ser exemplos de representatividade grandemente positiva. O protagonismo de João Cândido e os marinheiros negros na Revolta da Chibata pode ser símbolo e inspiração para a população negra e para a classe trabalhadora. Ao mesmo tempo que lutaram contra uma violência de origens escravocratas, a saber as chibatadas, também empenharam-se em melhorar as condições precárias de trabalho às quais eram submetidos. Não apenas lutaram, como também alcançaram alguns dos principais objetivos, sobretudo o fim das chibatadas.

No dia 20 de outubro de 2024, foi lançado no canal *Escola de História Unirio*, no Youtube, o vídeo *ProfHistória UNIRIO e Histórias em Quadrinhos*, sendo esse um projeto que contou com a participação de alunos e professores do ProfHistória. Junto ao meu orientador, Rafael Zamorano, conversamos sobre a relevância das Histórias em Quadrinhos e as possibilidades de uso em sala de aula. Não menos importante, João Cândido também é abordado no vídeo, pois assim como o objetivo deste presente trabalho passa por valorizar sua história, tal valorização precisa ser levada para outras mídias. Alguns projetos e obras visando ressignificar a memória de João Cândido demonstram que tal processo está em desenvolvimento. Em 2024, no carnaval carioca, a escola de samba Paraíso do Tuiuti teve como enredo o samba "*Glória ao Almirante Negro*", que focou na importância de João Cândido como liderança da Revolta da Chibata e na história do Brasil. Entre 4 de dezembro

de 2024 e 31 de janeiro de 2025, a exposição “*João Cândido, um herói nacional*” esteve aberta ao público no Arquivo Nacional, no Rio de Janeiro. A exposição reuniu imagens, documentos, objetos e notícias do período da Revolta dos Marinheiros, mostrando a complexidade e os desafios que os marinheiros enfrentaram ao rebelarem-se contra os abusos de poder exercidos pela Marinha.



Figura 16 - Profhistória UNIRIO e Quadrinhos - Podcast. Diego Rogério e Rafael Zamorano. 2024.

Posteriormente, foi lançado o livro “*Ensino de História e Podcasts*”, mais uma etapa do projeto desenvolvido pelo *Profhistória UNIRIO*, levando para as páginas a participação de alunos e professores do programa. A importância desse projeto para a atual pesquisa consiste em pôr em prática um dos objetivos desse trabalho, que é contribuir para a valorização da memória de João Cândido como uma pessoa de importante legado para a população negra no Brasil. Nesse sentido, é relevante destacar a inspiração que João Cândido pode gerar sendo ele um homem comum, não detentor de grandes poderes políticos ou riquezas. Estando a população negra, em grande parte, nas periferias e vivendo entre a resistência e as dores do racismo e da desigualdade, ter como inspiração um homem negro que inspirou um levante de marujos contra a Marinha e até mesmo contra o governo federal, pode contribuir para a percepção das potencialidades que a população negra pode alcançar, mesmo não tendo todos os recursos e possibilidades a seu favor. Desta forma, o

presente trabalho busca contribuir com o combate ao apagamento histórico de João Cândido ao propagar sua história nas mais diversas plataformas e mídias.

CAPÍTULO 3 - JOÃO CÂNDIDO, REVOLTA E HEROÍSMO

Os primeiros anos do Brasil como uma república foram também os primeiros anos do Brasil sem a escravidão legal. Este fato, porém, não significou que o Estado garantiu à população negra uma vida plena, digna e sem preconceitos. A ausência de políticas direcionadas à população negra, então liberta, para garantir condições de moradia, educação e emprego refletiu em uma continuidade de um processo de violência e desumanização que não se limitou ao período escravista. No contexto da Primeira República, uma das instituições que refletiam essa continuidade era a Marinha. Afetada pelos impactos da Guerra do Paraguai, o sucateamento e a falta de homens vai levar a Marinha a decidir por recrutar, nem sempre de forma voluntária, jovens negros para tornarem-se marinheiros. Esse contexto vai gerar uma Marinha que vai ter em sua maioria de marujos, jovens negros e pobres marcados no espaço de trabalho pelos estigmas raciais, como aborda CAPANEMA (2022).

Ao mesmo tempo, alistar-se na Marinha ou no Exército podia ser uma escolha para escravizados que tinham fugido das propriedades de origem como forma de adquirir a liberdade posteriormente. Como havia muitos negros e pardos nesses contingentes, eles frequentemente não eram identificados como escravizados foragidos. Esses homens criavam na Marinha ou no Exército novos laços sociais, na esperança de mudança de condição. Mas podiam ser vistos com desprezo e repugnância pelas autoridades. Na imprensa da época, há diferentes registros de caricaturas de soldados da época da Guerra do Paraguai, antigos escravizados representados como maltrapilhos, descalços e fracos servindo "em nome da pátria". (CAPANEMA, 2022, p.61)

Tal contexto ajuda a compreender a composição dos marinheiros que protagonizaram o acontecimento do dia 22 de novembro de 1910, bem como a presença de João Cândido na Marinha. João Cândido Felisberto viveu sua infância junto à sua família, formada por ex-escravizados. Na fazenda João Felipe Corrêa, em Rio Pardo, interior do Rio Grande do Sul, João Cândido observava e aprendia o trabalho do pai, mas brincava quando era possível. Em um desses momentos, a agitada criança de 10 anos é repreendida pelo neto do patrão:

"Negrinho tihoso, aqui não se brinca, só se trabalha", diz o jovem descendente de barões. Nesse instante, João Cândido atira a vara que está em sua mão direita sobre o neto do patrão. Sai correndo, esconde-se em uma gruta nos fundos da propriedade e lá permanece o dia inteiro, para fugir do castigo. Passa a tarde e a noite sem comer, isolado na gruta. Seus pais não se preocupam com

a ausência. É criado solto, como um bezerro, e nem sempre aparece na pequena choupana onde vive com a família. A irreverência lhe custa caro. Nessa mesma noite, João Felipe Corrêa comunica a João Cândido Velho, pai de João Cândido, que o garoto será mandado a Porto Alegre, a fim de se tornar aprendiz de marinheiro pelas mãos do almirante Alexandrino de Alencar, um amigo da família. (GRANATO, 2010, p.9)

Tal acontecimento na infância de João Cândido revela a chegada à Marinha, bem como as poucas mudanças nas relações sociais entre negros e brancos no Brasil pós-abolição. De todo modo, a chegada do futuro Almirante Negro é um dos acontecimentos mais emblemáticos da história da Marinha, do Brasil República e do povo negro no Brasil. O contexto no qual estava situada a Marinha e a massiva presença de negros e pardos entre os marujos vão definir os critérios adotados pelas autoridades da Marinha para a relação e controle dos marinheiros, que são tais critérios estritamente raciais. Dessa forma, a Marinha adotava, além de condições precárias de trabalho, violências físicas oriundas da então findada escravidão. A saber, as chibatadas. A Revolta tem nas chibatadas o mais simbólico alvo de sua luta, e em João Cândido o grande representante da mesma. João Cândido ingressa na Marinha em um momento que o quadro das forças armadas está desfalcado pelos impactos das Revoltas Federalista e da Armada, chegando ao Rio de Janeiro como marinheiro em 1895, aos 15 anos.

Por ter ingressado na Marinha por recomendação, João Cândido é visto como uma espécie de liderança entre os marinheiros, tendo a abertura para ser um interlocutor entre marinheiros e oficiais, apaziguando conflitos e levando comunicados importantes. De tal modo, João Cândido constroi sua posição e desponta como a figura que representará a futura revolta, sendo o nome que simboliza não apenas o fato histórico, mas seus objetivos e significados para os marinheiros, faz-se necessário compreender o início da trajetória do Almirante Negro, alcunha atribuída historicamente a João Cândido pela sua participação na Revolta da Chibata. Durante o período em que os negros marujos atuaram enquanto a Marinha utilizava as chibatadas como método de tortura, embora denominassem castigo, havia, entre eles, também o desejo de mudar as condições de trabalho, como melhor remuneração, melhores alojamentos, e uma alimentação de maior qualidade. Esses estavam entre os principais objetivos dos marujos, além do encerramento das chibatadas que não apenas desumanizavam corpo e mente,

mas demarcavam as hierarquias raciais dentro da Marinha. Boa parte da materialização do intento em rebelar-se contra a situação vivida na Marinha desenvolveu-se na Inglaterra durante a montagem do navio encouraçado Minas Gerais, em 1909. O contato com a marinha inglesa escancarou as condições indignas vividas pelos marujos brasileiros, confirmando ainda mais a necessidade de lutar pelas melhorias desejadas, enquanto o retorno ao Brasil trouxe um navio encouraçado de destaque para a época, uma maior consciência política e a percepção de ter em mãos um poder de fogo que o Estado não é capaz de conter.

O grupo de marujos segue para a Inglaterra - inclusive João Cândido - com a missão de aprender o manejo da nova embarcação. Ao mesmo tempo que os habilita, transformando-os em peritos foguistas, mecânicos e eletricitas, a viagem à Europa serve para criar neles uma consciência política até então desconhecida.

Os brasileiros conhecem um dos mais politizados e organizados proletariados existentes no mundo. Na Inglaterra, tomam conhecimento do forte movimento pela melhora da situação do pessoal que vive nos conveses de baixo, levado a cabo pelos marinheiros ingleses entre os anos de 1903 e 1906, com a ajuda da imprensa britânica.

Os marinheiros ficam sabendo também da revolta ocorrida em 1905, na Marinha russa, quando os marujos do encouraçado Potemkin se rebelaram contra a má alimentação servida a bordo. Essa história de heroísmo ganharia fama mundial.

Motivados por esse clima, os marujos brasileiros, dentre eles João Cândido, iniciam reuniões para discutir a situação da nossa Armada. Na Marinha brasileira, a jornada de trabalho é desumana; a remuneração e a alimentação são péssimas. Além disso, são comuns chibatadas em quem infringi qualquer norma interna. (GRANATO, 2010, p.16-17)

A relevância em mencionar os fatos narrados até aqui está em enfatizar que a Revolta da Chibata não se deu por um único motivo ou acontecimento. Havia, entre os marinheiros, uma ordem de elementos que levaram os mesmos a organizarem-se coletivamente contra o alto escalão da Marinha. As chibatadas faziam parte das variadas insatisfações que, somadas, tornavam a jornada de trabalho dos marinheiros exploratória, desumana e abusiva. Sendo a Revolta da Chibata um acontecimento ocorrido no ano de 1910, o Brasil que, em tempos atuais, ainda tem no racismo uma das principais explicações para a violência e a desigualdade que definem em muitos aspectos a sociedade brasileira, tinha de forma mais normalizada do que hoje a percepção de inferioridade e desumanização da população negra, tanto pela proximidade temporal ao período escravista como

pela ascensão das teorias de superioridade racial, também ganhando força em terras brasileiras. Desse modo, a insurreição dos marinheiros no dia 22 de novembro de 1910 chama atenção a mais por evidenciar uma consciência racial e política muito sofisticada para um período tão próximo à abolição da escravidão. Tais aspectos podem ser notados no manifesto dos marinheiros ao governo na ocasião do início da Revolta da Chibata. O manifesto abaixo foi escrito e organizado por João Cândido e Francisco Dias Martins, também conhecido como “Mão Negra”.

Rio de Janeiro, 22 de novembro de 1910.

Ilmo. e Exmo. Sr. Presidente da República Brasileira.

Cumpre-nos, comunicar a V. Excia. como Chefe da Nação Brasileira:

Nós, marinheiros, cidadãos brasileiros e republicanos, não podendo mais suportar a escravidão na Marinha Brasileira, a falta de proteção que a Pátria nos dá, e até então não nos chegou; rompemos o negro véu, que nos cobria aos olhos do patriótico e enganado povo. Achando-se todos os navios em nosso poder, [...] mandamos esta honrada mensagem para que V. Excia. faça nós Marinheiros Brasileiros possuímos os direitos sagrados que as leis da República nos facultam, acabando com as desordens e nos dando outros gozos que venham engrandecer a Marinha Brasileira; bem assim como: retirar os oficiais incompetentes e indignos de servir a Nação Brasileira, reformar o Código imoral e vergonhoso que nos regem, a fim de que desapareça a chibata, o bolo e outros castigos semelhantes; aumentar o nosso soldo [...], educar os marinheiros que não têm competência para vestir a orgulhosa farda, mandar pôr em vigor a tabela de serviço diário que a acompanha.

Tem V. Excia. o prazo de doze (12) horas para mandar-nos a resposta satisfatória, sob pena de ver a pátria aniquilada.

Bordo do encouraçado São Paulo em 22 de novembro de 1910.

Nota: Não poderá ser interrompida a ida e volta do mensageiro.

Marinheiros. (MOREL, 2016, p.98-99)

Mesmo compreendido que o intuito de dar fim aos maus tratos era fruto de organização prévia dos marujos, os planos foram antecipados após as chibatadas sofridas por Marcelino Rodrigues Menezes, que diferentemente do que vinha acontecendo, não sofreu vinte e cinco chibatadas, mas duzentas e cinquenta. Tal acontecimento causou uma indignação tamanha ao ponto de apressar a insurreição, que sob a liderança de João Cândido, a corneta do navio encouraçado Minas Gerais é tocada na noite do dia 22, sinalizando para os outros navios onde serviam os outros marinheiros o início do movimento em direção ao fim das torturas praticadas contra os corpos negros dos trabalhadores da marinha. Uma vez tomados os navios, João Cândido lidera os marinheiros nos encouraçados que detinham o maior poder de fogo que o Brasil possivelmente possuía à época, para

pressionar o governo, sem condições de responder militarmente aos canhões dos navios e às estratégias dos liderados por João Cândido. Caso o governo não atendesse às reivindicações dos marinheiros, os canhões dos navios encouraçados já estavam apontados para a cidade e para o Palácio do Catete, então morada do Presidente da República quando o Rio de Janeiro era o Distrito Federal.

Devido à repercussão na imprensa, a Revolta da Chibata chamou atenção da opinião pública e trouxe grandes comoções políticas. Segundo CAPANEMA (2022), a insurreição dos marinheiros gerou teorias pelos aliados do presidente Hermes da Fonseca que diziam acreditar que o fomento aos atos de João Cândido e os demais marujos teve a participação dos adversários políticos do presidente, que assumiu o cargo uma semana antes da Revolta. Desse modo, a Revolta da Chibata não é resumida aos impactos sobre os marinheiros e a Marinha apenas, mas a um evento de proporções maiores que causou desdobramentos importantes também no campo político, mobilizando o próprio Presidente da República a tomar atitudes para lidar com a crise que João Cândido e os marinheiros causaram no Governo Federal.

O senador do Rio Grande do Sul, Pinheiro Machado, verdadeiro mentor da eleição de Hermes da Fonseca e considerado um caudilho da Primeira República, nomeia, com o acordo do Presidente da República, o deputado José Carlos de Carvalho como representante do governo nas negociações. O deputado, também do Rio Grande do Sul, era egresso da escola naval e tinha participado de algumas ações da Guerra do Paraguai. Depois do conflito, ele foi promovido a primeiro-tenente, antes de ser réu num Conselho de Guerra por “ter faltado com respeito a um superior”. Ele é absolvido pelo Supremo Tribunal Militar, mas pede demissão da Marinha após esse ocorrido. Apoia o ministro da Marinha Custódio de Melo em sua pressão pela destituição do Presidente Deodoro da Fonseca em 1891 e é, em seguida, promovido a capitão-tenente. Dois anos mais tarde, na Revolta da Armada, ele permanece fiel ao governo de Floriano Peixoto e recebe, como recompensa, uma promoção ao grau de capitão de mar e guerra honorário. José Carlos de Carvalho era, portanto, um perfeito emissário do governo nas negociações. Ele era apreciado pelos marujos por ter proposto um projeto de aumento dos soldos, como citado no próprio manifesto dos marinheiros. (CAPANEMA, 2022, p.207)

O envio de representantes do governo como José Carlos de Carvalho dava a dimensão política que a Revolta da Chibata ganhava a partir do dia 22 de novembro. Ao ir José Carlos de Carvalho pessoalmente negociar com os marinheiros, os mesmos compreendiam a mobilização que estavam causando, dando o vislumbre dos objetivos a serem alcançados. Dessa forma, os cinco dias de

insurreição terminaram com as exigências de encerramento das torturas físicas e anistia atendidas. Com o fim das chibatadas, a Revolta da Chibata destaca-se como uma grande insurreição negra que teve seu principal objetivo alcançado, e o que torna ainda mais evidente a conquista dos marujos é ter tal feito ocorrido no Brasil República, no Distrito Federal e dentro de uma instituição militar como a Marinha, cujos poderes estavam nas mãos de homens brancos, assim como homens brancos estavam no centro do poder no Governo Federal. Tal feito tem como personagem mais simbólico e conhecido o próprio João Cândido, que atuando como uma liderança entre os marinheiros, tornou-se a pessoa que representa a Revolta da Chibata nos livros de história, bem como nos monumentos que visam manter viva sua memória.

Compreendendo que a ideia de heroísmo não se limita a uma percepção maniqueista por vezes explorada no entretenimento, mas também estende-se a figuras que simbolizam ideias e inspiram grupos em suas mais diversas lutas, João Cândido pode ser entendido e considerado um herói da luta negra no Brasil. Durante sua vida, mesmo após a Revolta da Chibata, João Cândido não viveu em glória e reconhecimento, mas viveu outras injustiças até tornar-se um pescador atuando diariamente no Centro do Rio de Janeiro. João Cândido é um exemplo relevante de figura histórica que não teve o reconhecimento à altura de sua história, mas é possível compreender através de obras que perpetuam a memória sobre o Almirante Negro, sua importância para a população negra e para a História do Brasil. Uma das mais conhecidas é a música "*Mestre Sala dos Mares*", de 1974, composta por João Bosco e Aldir Blanc. Sua letra passou por diversas alterações devido à censura na Ditadura Militar. Uma questão intrigante acerca da censura é a sua motivação, pois não seria incomum imaginar que se dava pela relação entre João Cândido e a Marinha, mas GRANATO (2010) lança luz sobre o tema, enfatizando que a questão em torno da censura era de cunho racial.

Depois de muitas idas e vindas com a letra de O mestre-sala dos mares embaixo do braço, Aldir teve a ideia de "florear" a música com algumas palavras que, aparentemente, não tinham nada que ver com o tema. Foi assim que colocou polacas, mulatas e baleias em sua música.

O compositor trocou também a palavra almirante por navegante, e a canção - com o refrão "Salve o Navegante Negro, que tem por monumento as pedras pisadas no cais" - acabou liberada e estourou nas rádios de todo o país.

Na última conversa com os censores, contudo, Aldir fica sabendo, pela boca de um dos agentes, que o maior "problema" da música não é o seu lado político. Quase trinta anos depois, Aldir lembra desse dia: "O cara chegou com a letra na mão e me disse: 'O que tá pegando mais não é o lado político, e sim a questão da exaltação da raça, porque essa música faz uma tremenda apologia ao negro'". (GRANATO, 2010, p.100)

O caso vivido por Aldir Blanc e João Bosco ajuda a compreender como a figura de João Cândido transitou, historicamente, entre o heroísmo e o apagamento. A censura demonstra que o apagamento não é uma obra do destino, ou algo que ocorre de forma inconsciente, mas uma escolha de quem o impõe. Não há racismo sem aquele que o pratica, e o apagamento de figuras negras na história é uma manifestação do racismo sob o qual foi estruturado o Brasil. Desta forma, este trabalho afirma a relevância em salientar o legado de João Cândido e da Revolta da Chibata como fundamentais para compreender a questão racial no Brasil da Primeira República, bem como a possibilidade de afirmar seu aspecto heróico para que, em páginas de histórias em quadrinhos, alunos e alunas consigam conhecer João Cândido de forma que identifiquem e reconheçam sua importância para além das aulas de História.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

No presente trabalho, pensar a Revolta da Chibata e a história de João Cândido pela ótica dos quadrinhos não tem a pretensão de elucidar os fatos históricos a partir de uma perspectiva inédita ou buscando abordar na totalidade a série de eventos que compõem este, que é um acontecimento relevante para a compreensão do Rio de Janeiro nas primeiras décadas como República. O trabalho busca investigar e analisar a invisibilização de figuras negras a partir da história de João Cândido, propondo, assim, um projeto de quadrinhos que tem João Cândido como protagonista e super-herói. Desse modo, um dos objetivos do trabalho é valorizar o legado e os feitos de João Cândido e sua importância para o povo negro a partir da Primeira República.

O Brasil, recém saído da escravidão legal, dificilmente seria uma sociedade amigável para com a população negra, logo, não haveria perspectivas muito positivas de equidade ou tratamento humanizado por parte do Estado e das elites brancas. Desta forma, não é tão surpreendente que uma instituição administrada por pessoas poderosas, como a marinha, tenha lançado mão de um tratamento repleto de práticas que remetiam ao período escravista, tendo como exemplo máximo as chibatadas. Dessa maneira, a ideia do trabalho está centrada em lançar um olhar sobre o fato histórico a partir de ideias frequentemente utilizadas nas histórias em quadrinhos, como o uso de super poderes, por exemplo.

Seguindo essa proposta, no primeiro capítulo me empenho em discutir a relevância histórica dos quadrinhos, ressaltando sua popularização, inclusive no Brasil, bem como a origem e significado de alguns dos personagens mais conhecidos entre o gênero dos super-heróis, os significados políticos de suas cores, poderes e origens. Dando ênfase à questão racial, busco refletir sobre os símbolos presentes em personagens como Luke Cage e Pantera Negra, que sendo criados pela Marvel entre as décadas de 1960 e 70, traziam em suas narrativas diversos elementos inspirados nas discussões raciais da época, que se destacou pela importante presença dos movimentos por direitos civis e pela atuação de históricos ativistas pela causa negra. Luke Cage tinha suas histórias mais ligadas ao gueto, enquanto Pantera Negra lançava mão de ter em suas histórias diversas metáforas sobre a África negra.

Destacar tais aspectos no capítulo não tem por finalidade apresentar informações que mudariam a perspectiva sobre as obras ou a mídia em geral, mas tem como propósito evidenciar a presença de elementos sociais, políticos e históricos na construção dos personagens apresentados no trabalho. O impacto do racismo nas histórias em quadrinhos se faz visível ao traçar paralelos entre os personagens citados e a história ligada a eles, por isso se faz importante mencionar tais ligações para compreender a ideia de fazer uso das histórias em quadrinhos em sala de aula, sobretudo nas aulas de História. As histórias em quadrinhos não tornaram-se importantes apenas no que diz respeito ao entretenimento, vendas e popularidade de personagens, mas pela riqueza artística dos desenhos, a riqueza da variedade de narrativas e a presença do tempo histórico e seus temas em ambos elementos.

Tendo tais compreensões, o capítulo busca dar ênfase ao olhar sobre os quadrinhos em sala de aula para contribuir, mas também para ampliar a aprendizagem e o ensino de História. Desse modo, é citado o exemplo das histórias em quadrinhos sendo usadas de forma central em uma matéria do ensino fundamental. Por exemplo, em uma das aulas, tendo como base uma história do Pantera Negra, foi abordado o tema do Apartheid na África do Sul devido aos paralelos que a própria história traça. A relação do T'Challa com as questões políticas envolvendo o regime de segregação, inspirada na trajetória de Nelson Mandela, possibilitou aos alunos aprenderem sobre a história da África do Sul, bem como do próprio Mandela, tendo como ponto de partida as histórias em quadrinhos do Pantera Negra.

Ao fim do capítulo, é abordada a contribuição das histórias em quadrinhos durante as aulas para a compreensão de temas históricos como a Guerra Fria, concluindo com um projeto avaliativo ao fim da matéria. O segundo capítulo discorre sobre o modo como as narrativas tradicionais, bem como os livros didáticos, sobretudo os que falam sobre o período da Primeira República, invisibilizaram o protagonismo negro através do apagamento dos sujeitos negros nas narrativas históricas. O esforço empenhado no capítulo não consiste em afirmar a falta de ênfase ao protagonismo negro na história, informação essa que não está entre os objetivos do trabalho, pois não é uma afirmação que carece de maiores reforços. O estudo sobre o racismo brasileiro no decorrer dos anos possui uma gama vasta de

obras que refletem sobre o apagamento histórico como um dos elementos de manutenção da desigualdade e do preconceito racial. A negação do negro enquanto sujeito e agente dos eventos históricos acaba por fortalecer a ideia da história negra resumida à escravidão e subserviência.

Desta forma, o presente trabalho compreende que a Revolta da Chibata e a história de João Cândido encaixam-se no contexto de apagamento e desvalorização da memória de figuras negras da história do Brasil, sobretudo da Primeira República. Assim sendo, este trabalho visa a afirmação e valorização de tais narrativas, enfatizando não apenas a presença, mas a relevância que personagens negros históricos como João Cândido tiveram e ainda têm para a população negra e a sociedade como um todo. Nesse sentido, a sala de aula torna-se um importante local de reverberação de tais fatos históricos, e trabalhando histórias como a Revolta da Chibata sem a forma generalizada que costumeiramente esse tema foi tratado, assim como outros durante a Primeira República, a escola torna-se lugar para construir uma memória mais digna para figuras negras que, devido ao racismo, foram apagadas e desvalorizadas durante os anos.

Por fim, o terceiro capítulo busca refletir de forma mais específica sobre João Cândido, sua importância durante a Revolta da Chibata e os porquês dele ser relacionado, no presente trabalho, aos super-heróis dos quadrinhos. O terceiro capítulo busca consolidar as reflexões propostas nos capítulos anteriores, pois a compreensão sobre o uso dos quadrinhos nas aulas de história junto ao entendimento sobre a relevância do protagonismo negro na história, explicam a decisão de uma história em quadrinhos sobre um homem negro que nunca recebeu o valor devido por tudo que fez em vida. João Cândido não corresponde aos arquétipos tradicionais dos super-heróis dos quadrinhos, pois foi um ser humano real, carregando em sua história contradições e falhas, mas o terceiro capítulo lança mão de abordar e refletir sobre a importância dos feitos e da liderança de João Cândido durante a Revolta da Chibata. Tal legado não se resume apenas ao dia 22 de novembro de 1910, pois os impactos de tamanho feito em oposição ao alto escalão da marinha e do Governo Federal perseguiram João Cândido até o fim de seus dias. O marinheiro João Cândido Felisberto também foi o pescador João Cândido Felisberto, bem como foi o Mestre Sala dos Mares, foi enredo de samba no carnaval, mas um herói negro, ele ainda o é. E continuará sendo.

PRODUTO

Essa é a bíblia do quadrinho/universo da história “**O Grande Almirante Negro – O Herói Recordado**”. No ramo de produção de quadrinhos, uma bíblia de projeto é um documento que contém todas as informações necessárias sobre uma determinada obra, seja ela audiovisual, literária, quadrinizada ou em outro formato midiático. É um documento criado que serve para apresentar a um produtor, uma editora, canal ou um distribuidor (no caso de um projeto audiovisual). As artes do projeto foram feitas por Hamilton Kabuna, que também trabalhou na produção da bíblia como um todo.

Algumas informações sobre a bíblia:

- Estrutura da História: o estilo de história escolhido para estruturar a narrativa.
- Argumento: apresentaremos a proposta da história e seus pontos de conflitos e de resolução.
- Formato: tamanho do quadrinho, número de páginas, escolhas estéticas (design de personagens e acabamento)
- Personagens: apresentação do elenco da história.
- Referências: material de referência que dialoga com esse material: outras histórias e estilo de desenho.

Para a história “O Grande Almirante Negro – O Herói Recordado”, será utilizado a estrutura “Um Trecho da Vida”. Essa estrutura foi desenvolvida pelo quadrinista estadunidense Will Eisner (1917-2005) no seu livro “Narrativas Gráficas”.

A proposta dessa estrutura é de extrair um momento interessante da experiência humana, examinar e desenvolver uma história a partir desse acontecimento. Para a história do Almirante Negro, o autor resolveu trabalhar com o movimento político que ele criou, dentro da marinha brasileira, conhecida como “A Revolta da Chibata”.

Argumento:

A história se inicia com a conversa entre Candinho e a sua bisneta Laura, carinhosamente chamada de Laurinha. Ele é filho do personagem histórico João Cândido, enquanto ela é trineta do mesmo. Candinho explica para Laurinha a importância de João Cândido na história brasileira e a menina, ao ter contato com a narrativa do avô, passa a imaginar João Cândido como um super herói e os seus feitos são vistos por ela a partir dessa premissa. Ele inicia sua história contando sobre como João Cândido se revoltou contra os maus tratos sofridos tanto por ele quanto pelos seus colegas marinheiros, até o ano de 1910, quando ele se revolta e salva seu colega Marcelino, de um castigo de 250 chibatadas. Ao ouvir essa história, a menina enxerga, em sua imaginação, João Cândido descobrindo seus poderes e salvando seu colega. A partir daí, a menina imagina seu trisavô, indignado e com raiva, destruindo as correntes de outros marinheiros, que estavam presos no navio e prestes a sofrer chibatadas, libertando-os. Dessa maneira, essas pessoas iniciam a 'Revolta da Chibata'.

A história será vista através de dois pontos de vista: enquanto Candinho conta a história mais próxima dos fatos (com os dados catalogados pelo presente trabalho), a menina a ressignifica, através da sua vivência infantil, e busca adequar a narrativa do avô à sua própria percepção.

Formato:

O quadrinho, quando for publicado, terá a seguinte configuração:

- Tamanho do quadrinho: 16 X 23 cm
- Número de páginas: 36 páginas (sem capa)
- Número de páginas da história: 22 páginas
- Número de páginas de material extra: 14 páginas
- Número total da revista: 36 páginas.
- Acabamento: papel offset 90 gramas para o miolo, em preto e branco e papel cartão 120 gramas para a capa, colorida.

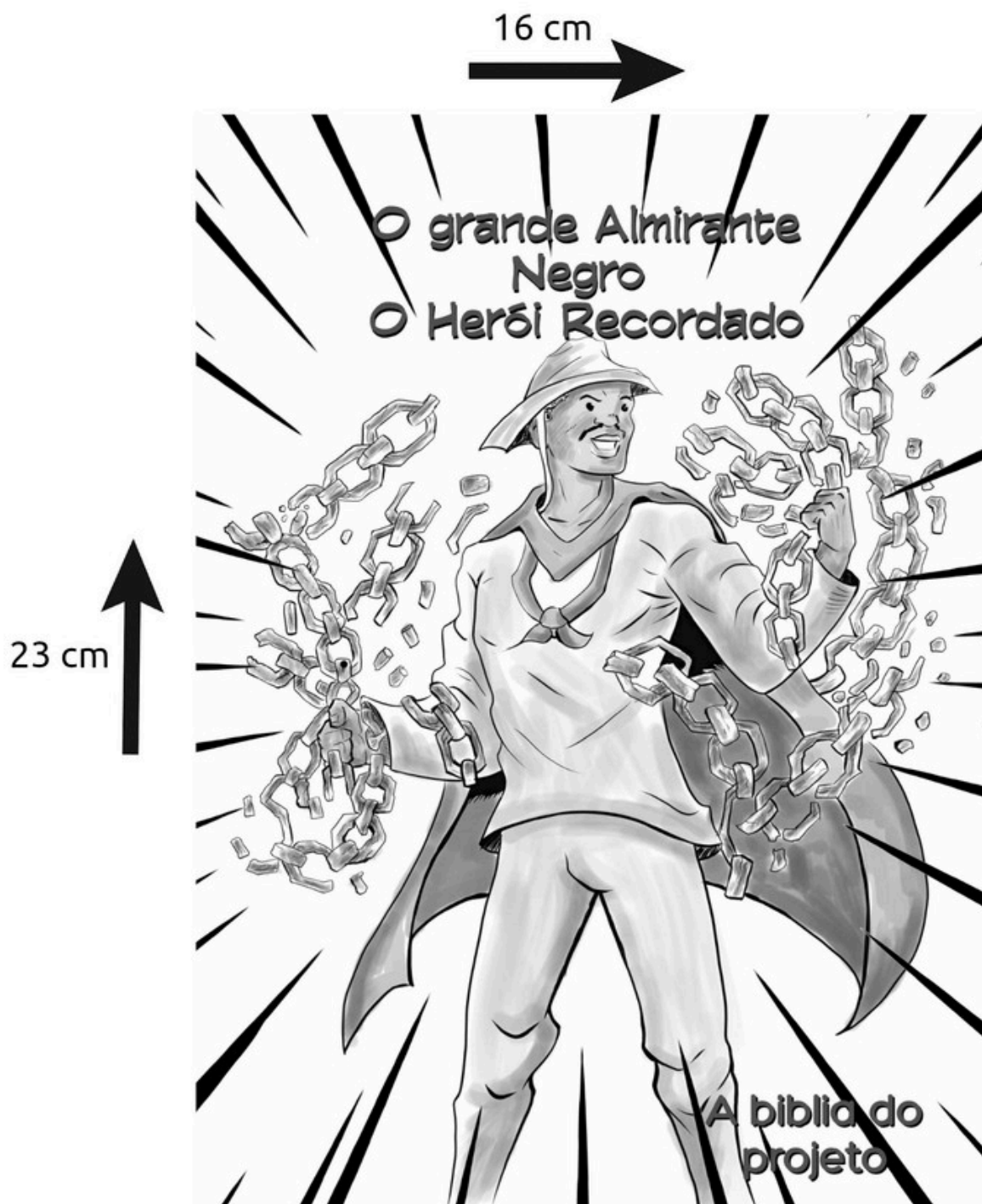


Figura 17 - João Cândido Super-herói. Imagem da Bíblia do Projeto. Foto: Hamilton Kabuna

Estética

A história será desenvolvida em preto e branco, utilizando linhas, retículas e aguada de nanquim. Essa escolha estética tem dois motivos:

1. aproximação com o público-alvo (crianças e jovens em idade escolar) que consomem quadrinho vindos da Ásia, principalmente do Japão (Mangá) e da Coréia do Sul (Manhwa). Esse público, em específico, está acostumado e admira esse tipo de estética. Nesse caso, o quadrinho, mesmo sendo educativo, não causará estranheza para os leitores/leitoras.
2. barateamento de custo de produção. Uma história em quadrinhos colorida leva mais tempo para ser produzida e por isso, tem um custo de produção extremamente alto. Um material assim precisa de uma pessoa responsável apenas pela cor, além de ser necessário um tipo especial de papel, para suportar a tinta, no momento da impressão. Tudo isso encarecerá o material e dificulta a propagação da ideia. Retomando a ideia do item 01, a capa colorida, em um papel de maior gramatura (mais resistente), também é uma prática muito comum nos Mangás e Manhwa, sejam eles publicados em seus países de origem ou aqui no Brasil. Algumas imagens estão na seção “Referências”, para melhor visualização da estética escolhida.

Design de Personagem

A proposta para essa história foi a de trabalhar com dois estilos de desenho. Quando a história é focada na dupla ‘Avô-Neta’, eles serão desenhados utilizando linha e retículas, e com um estilo de desenho chamado “realista”. Quando a história estiver focada no João Cândido, será trabalhada com aguada de nanquim, e em um estilo ‘cartunesco’, que serve para apresentar a visão lúdica da bisneta.



Figura 18 - Candinho, Laurinha e João Cândido. Imagem da Bíblia do Projeto. Foto: Hamilton Kabuna

Personagens

Como a história desenvolvida trabalha com um contexto histórico específico e com personagens reais, resolvemos adaptá-los para a história “O Grande Almirante Negro – O Herói Recordado”. Vamos aos personagens:

- Candinho – filho de João Cândido e bisavô de Laura: ele é o narrador da nossa história. Na vida real, Candinho tem 87 anos e é morador de São João de Meriti.

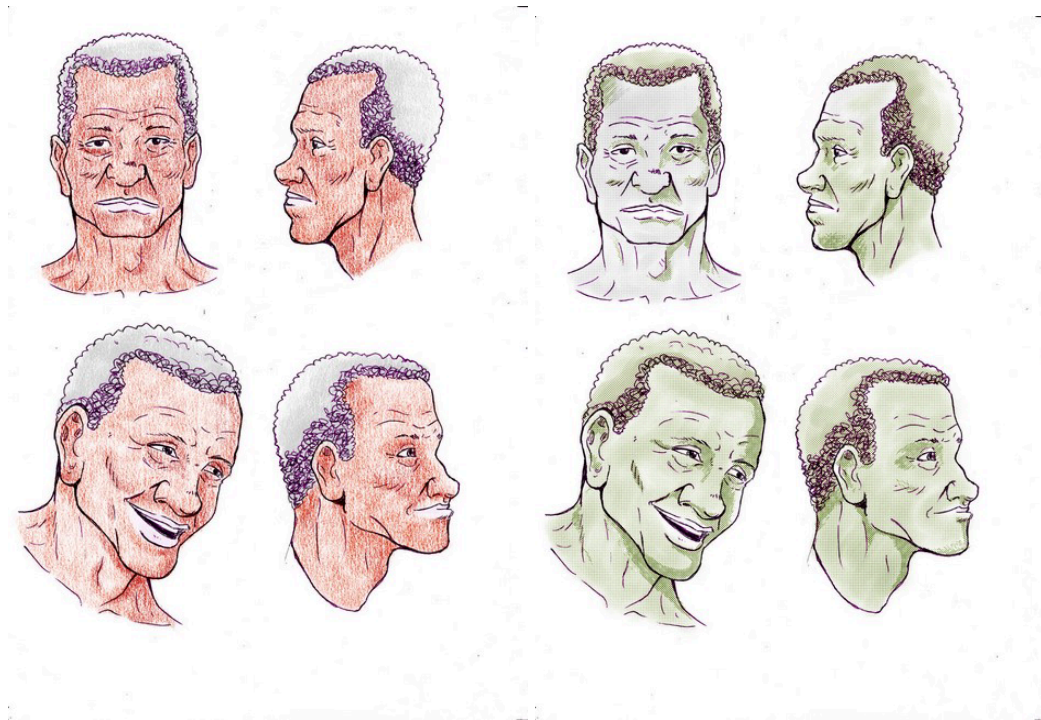


Figura 19 - Traços de Candinho. Imagem da Bíblia do Projeto. Foto: Hamilton Kabuna

- Laura – trineta de João Cândido: na vida real, ela é uma criança de 3 anos. Para que a história possa ser desenvolvida, se fez necessário adicionar mais idade à personagem, para que ela possa conversar com o avô e, dessa forma, fazer com que a história seja desenvolvida.

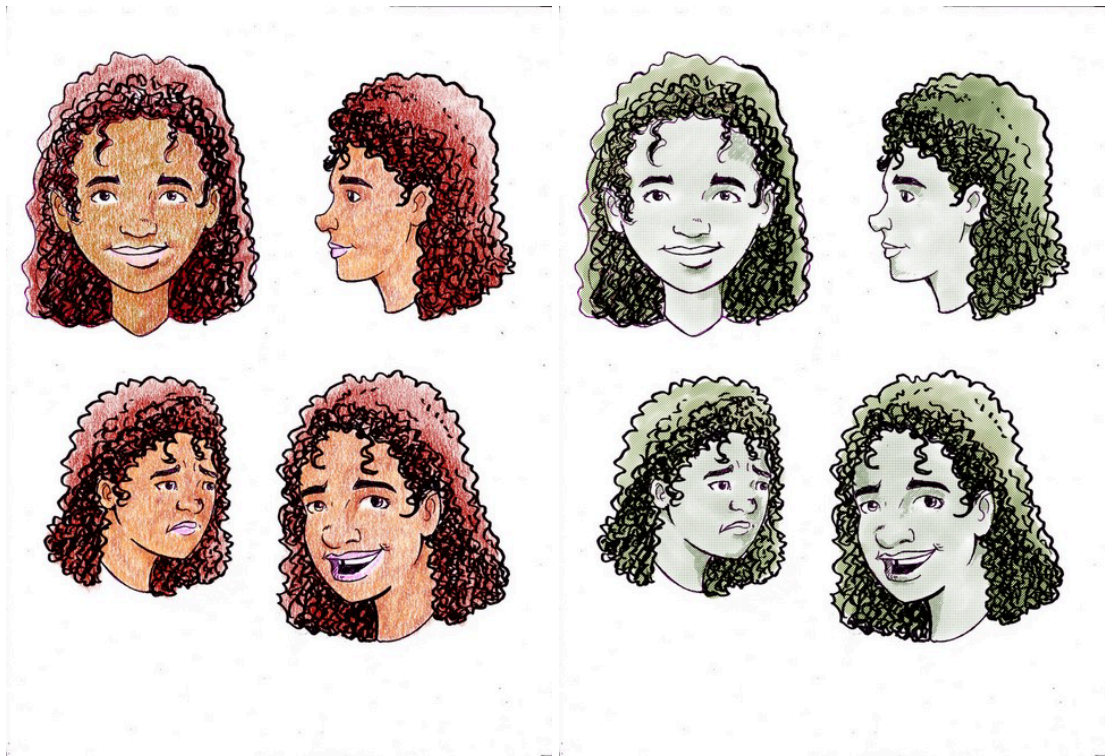


Figura 20 - Traços de Laura. Imagem da Bíblia do Projeto. Foto: Hamilton Kabuna

- João Cândido – o Almirante Negro: o personagem que batiza a história e que leva ao diálogo entre o avô e a sua neta, sobre a importância dele na história brasileira.

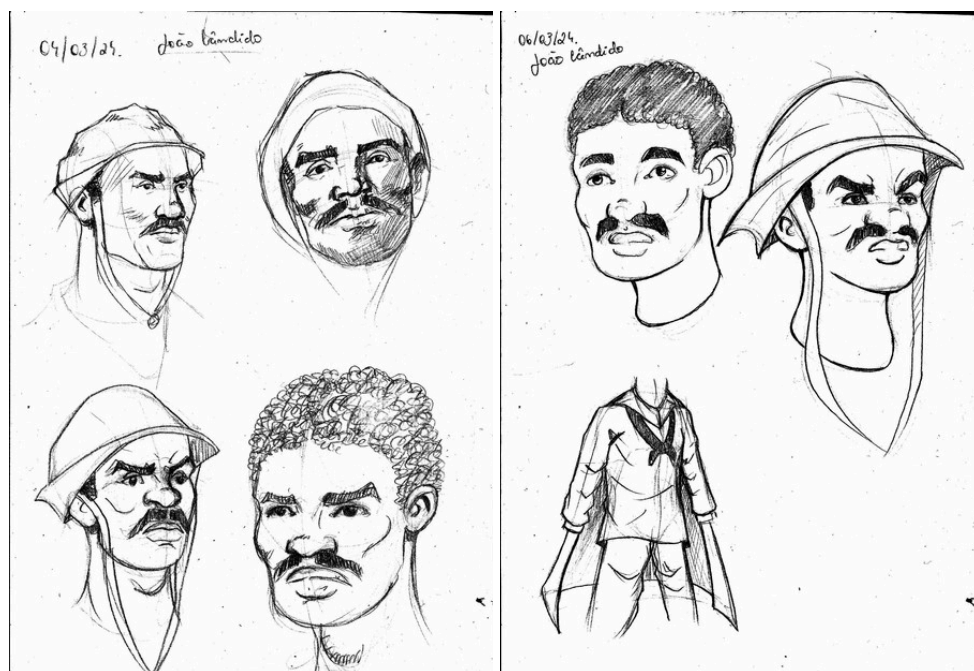


Figura 21- Traços de João Cândido. Imagem da Bíblia do Projeto. Foto: Hamilton Kabuna



Figura 22- Traços de João Cândido. Imagem da Bíblia do Projeto. Foto: Hamilton Kabuna

Referências para design de personagens

Abaixo, algumas amostras de estilo de desenho ao qual o quadrinista Hamilton Kabuna se baseou para a história.



Figura 23 - Cinzas e retículas: Turma da Mônica Jovem: Vários artistas



Figura 24 - Desenho Realista: Borislav Miktov - Russell Roehling – Rafael Albuquerque

Referências visuais para a forma com que a personagem Laura enxerga a história, na sua mente, narrada pelo seu avô, o Sr Candinho.



Figura 25 - Artista: Jim Lee

No caso do artista acima, ele trabalha com aquarela. Na história “O Grande Almirante Negro – O Herói Recordado”, será utilizado a técnica da aguada de nanquim.

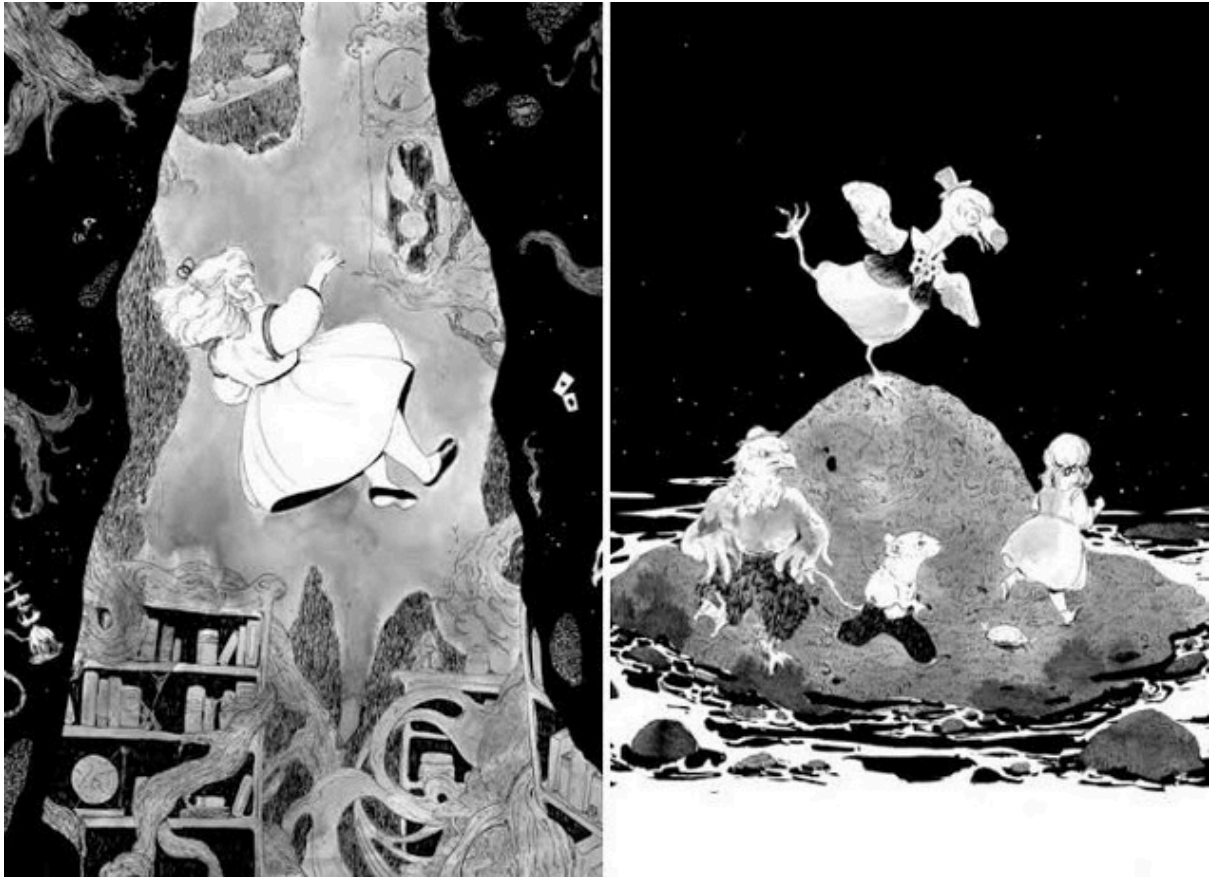


Figura 26 - Artista: Mika Takahashi.

Para as cenas onde a Laura imagina a história do seu trisavô, será utilizado um desenho no estilo cartoon.

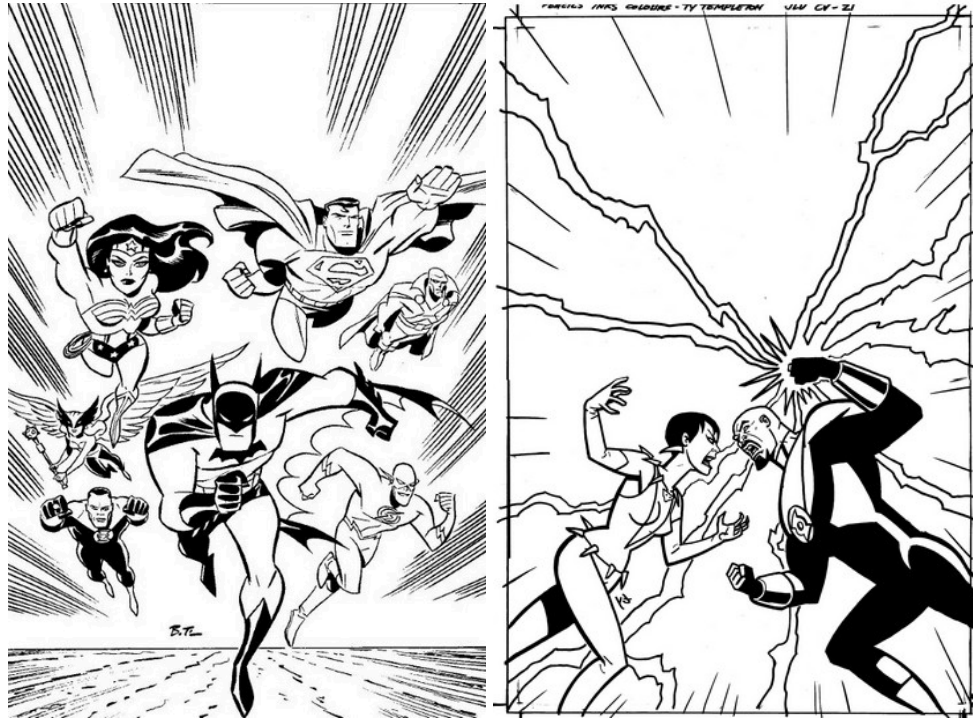


Figura 27 - Artista: Ty Templeton

Referências Externas

Essas são algumas histórias que dialogam com a história proposta nessa bíblia.



Figura 28 - Carolina: Sirlene Barbosa (roteiro) e João Pinheiro (desenhos)



Figura 29 - Jubiabá, de Jorge Amado: adaptação do romance de Jorge Amado. Artista: Spacca

Estudos de Capa

Essas são alguns estudos para a vindoura publicação do quadrinho. Até esse momento, nenhuma capa foi definida e nem a forma de acabamento: pintura digital ou analógica (acrílica, aquarela, lápis de cor etc).

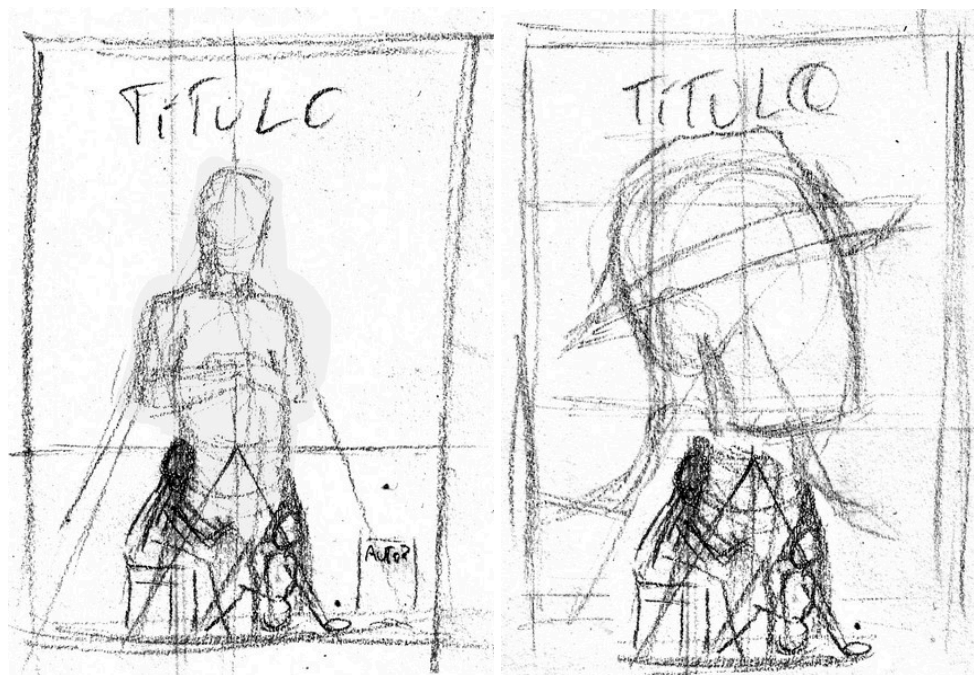


Figura 30 - Estudos de capa. Imagem da Bíblia do Projeto. Foto: Hamilton Kabuna

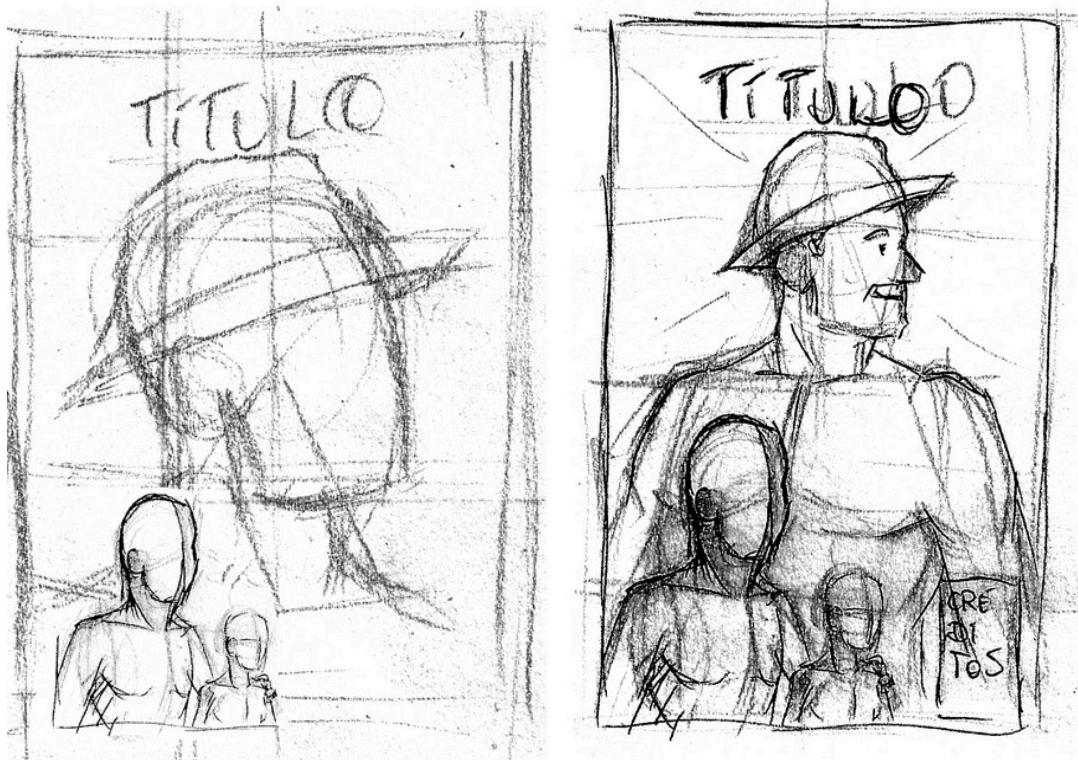


Figura 31 - Estudos de capa. Imagem da Bíblia do Projeto. Foto: Hamilton Kabuna

REFERÊNCIAS

AGOSTINI, Angelo. **As aventuras de Nhô Quim e Zé Caipora e outras histórias em quadrinhos brasileiras**. Organização de Paulo Ramos. São Paulo: Companhia das Letras, 2017.

AMADO, Jorge. **Jubiabá**. Adaptação de Spacca. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

ARCHER, Archie; GOODWIN, Len; ENGLEHART, Steve. **Luke Cage: o herói de hoje – volume 1**. Tradução de Fernando Lopes. São Paulo: Panini Comics, 2017. (Marvel Vintage).

BAUER, Caroline Silveira. **Quanta verdade o Brasil suportará? Uma análise das políticas de memória e de reparação implementadas no Brasil em relação à ditadura civil-militar**. Rio Grande do Sul: Universidade Federal de Pelotas, 2014.

BURROUGHS, Edgar Rice. **Tarzan, n. 1. A volta do formato original!**. Rio de Janeiro: EBAL – Editora Brasil-América, 1983.

CAPANEMA, Silvia. **João Cândido e os navegantes negros: A Revolta da Chibata e a segunda Abolição**. São Paulo: Renovagraf, 2022.

CARVALHO, José Murilo de. **A Formação das Almas - O imaginário da República no Brasil**. São Paulo: Companhia das Letras, 2017.

CARVALHO, José Murilo de. **Os Bestializados - O Rio de Janeiro e a República que não foi**. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

COATES, Ta-Nehisi. **Pantera Negra: uma nação sob nossos pés – volume 1**. Tradução de Fernando Lopes. São Paulo: Panini Comics, 2017.

COATES, Ta-Nehisi. **Pantera Negra: uma nação sob nossos pés – volume 2**. Tradução de Fernando Lopes. São Paulo: Panini Comics, 2018.

COATES, Ta-Nehisi. **Pantera Negra: uma nação sob nossos pés – volume 3**. Tradução de Fernando Lopes. São Paulo: Panini Comics, 2018.

DAVIS, Angela. **Mulheres, Raça e Classe**. São Paulo: Boitempo, 2016.

FANON, Frantz. **Pele Negra, Máscaras Brancas**. São Paulo: Editora Ubu, 2020.

GATO, Matheus. **O Massacre dos libertos - Sobre Raça e República no Brasil**. São Paulo: Editora Perspectiva, 2020.

GOMES, Flávio dos Santos; LAURIANO, Jaime; SCHWARCZ, Lilia Moritz. **Enciclopédia negra: biografias afro-brasileiras**. São Paulo: Companhia das Letras, 2021.

GRANATO, Fernando de Lima. **Retratos do Brasil Negro: João Cândido**. São Paulo: Selo Negro Edições, 2010.

HUDLIN, Reginald. **Quem é o Pantera Negra?**. Arte de John Romita Jr. Tradução de Fernando Lopes. São Paulo: Panini Comics, 2018.

HERGÉ. **Tintim no Congo**. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

LA CROIX, Sybille Titeux de; AMEZIANE, Amazing. **Miss Davis: a vida e as lutas de Angela Davis**. Tradução de Fernando Scheibe. São Paulo: Veneta, 2021.

LEÃO, Petra; CASSARO, Marcelo. **Turma da Mônica Jovem: Nº 54**. São Paulo: Panini Comics, 2014.

LEWIS, John; AYDIN, Andrew. **A marcha: livro um**. Ilustrações de Nate Powell. Tradução de Fernando Scheibe. Belo Horizonte: Nemo, 2017.

LEWIS, John; AYDIN, Andrew. **A marcha: livro dois**. Ilustrações de Nate Powell. Tradução de Fernando Scheibe. Belo Horizonte: Nemo, 2018.

LEWIS, John; AYDIN, Andrew. **A marcha: livro três**. Ilustrações de Nate Powell. Tradução de Fernando Scheibe. Belo Horizonte: Nemo, 2018.

MILLER, Frank. **Batman: o retorno do Cavaleiro das Trevas**. Tradução de Júlio de Andrade Filho. São Paulo: Panini Comics, 2002.

MOORE, Alan. **Batman: a piada mortal**. Arte de Brian Bolland. Tradução de Jotapê Martins. São Paulo: Panini Comics, 2012. Edição de luxo, capa dura.

MOORE, Alan. **Watchmen**. São Paulo: Panini Comics, 2017.

MOREL, Edmar. **A Revolta da Chibata**. São Paulo: Paz & Terra, 2016.

NETO, Elydio. **Histórias em quadrinhos e práticas educativas: Os Gibis estão na escola, e agora?** São Paulo: Editora Criativo, 2015.

OUTCAULT, Richard F. **Yellow Kid: uma história da história em quadrinhos**. Organização e tradução de Andréa Pereira. João Pessoa: Marca de Fantasia, 2012.

PINHEIRO, João; BARBOSA, Sirlene. **Carolina**. Ilustrações de Marcelo D'Saete. São Paulo: Veneta, 2019.

POSTEMA, Bárbara. **Estrutura Narrativa dos Quadrinhos: Construindo Sentido a Partir de Fragmentos**. São Paulo: Editora Peirópolis, 2018.

RANKINE, Claudia. **Cidadã: uma lírica americana**. Tradução de Stefanie Borges. São Paulo: Jabuticaba Edições, 2020.

RANKINE, Claudia. **Só nós: uma conversa americana**. Tradução de Stefanie Borges. São Paulo: Todavia, 2021.

SANTOS, Diego Rogério Silva. **Dos Quadrinhos para os Cinemas: Pantera Negra e a representatividade étnico-racial**. Rio de Janeiro: Universidade Veiga de Almeida, 2019.

SANTOS, Joel Rufino dos. **Zumbi**. São Paulo: Global Editora, 2006.

SIEGEL, Jerry; SHUSTER, Joe. **Superman: volume 1**. São Paulo: Panini Comics, 1938.

SEVCENKO, Nicolau. **A Revolta da Vacina: Mentres insanas em corpos rebeldes.** São Paulo: Editora Unesp, 2018.

WEST, Cornel. **Questão de Raça.** São Paulo. Companhia das Letras, 2021.